



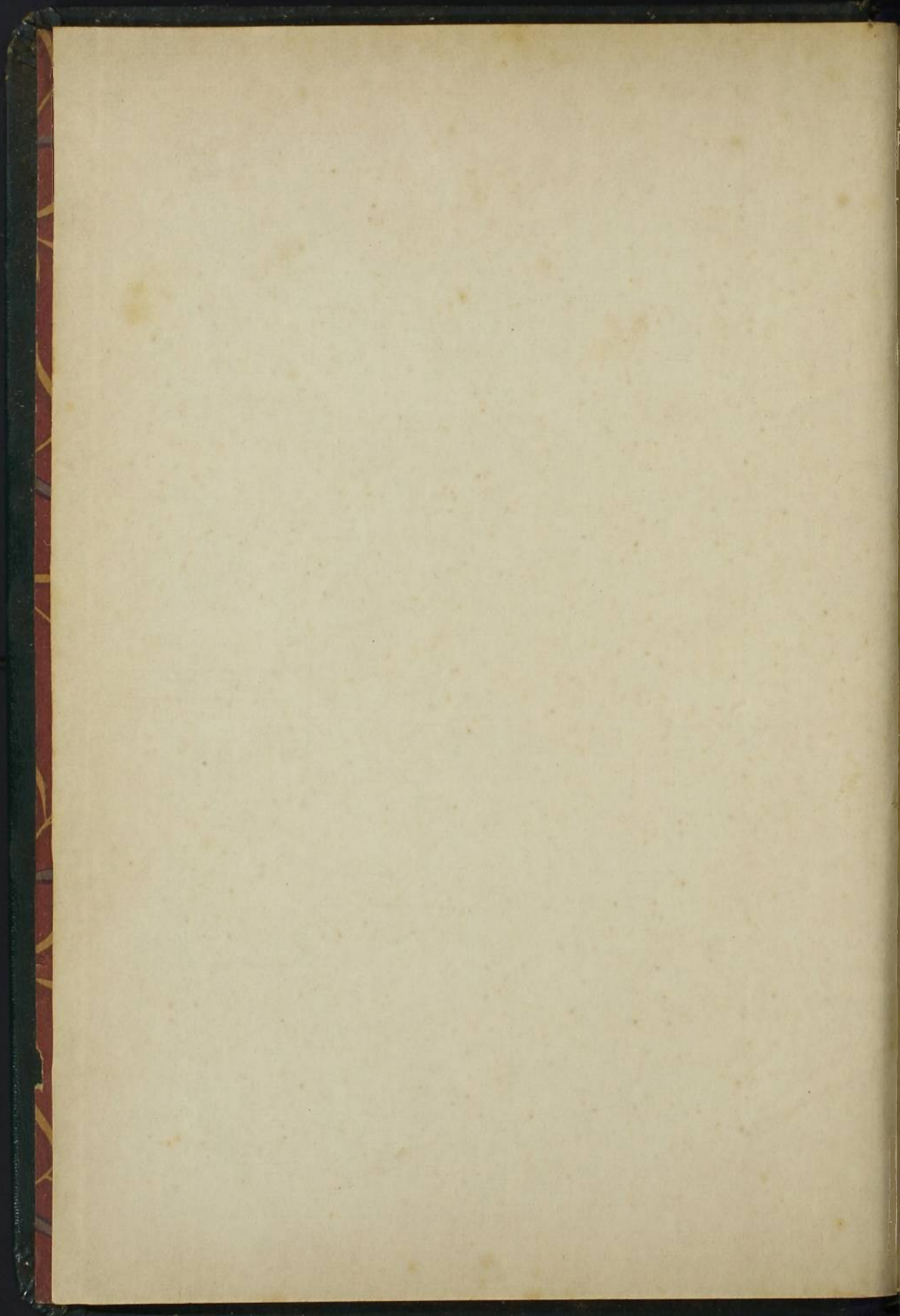


Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin

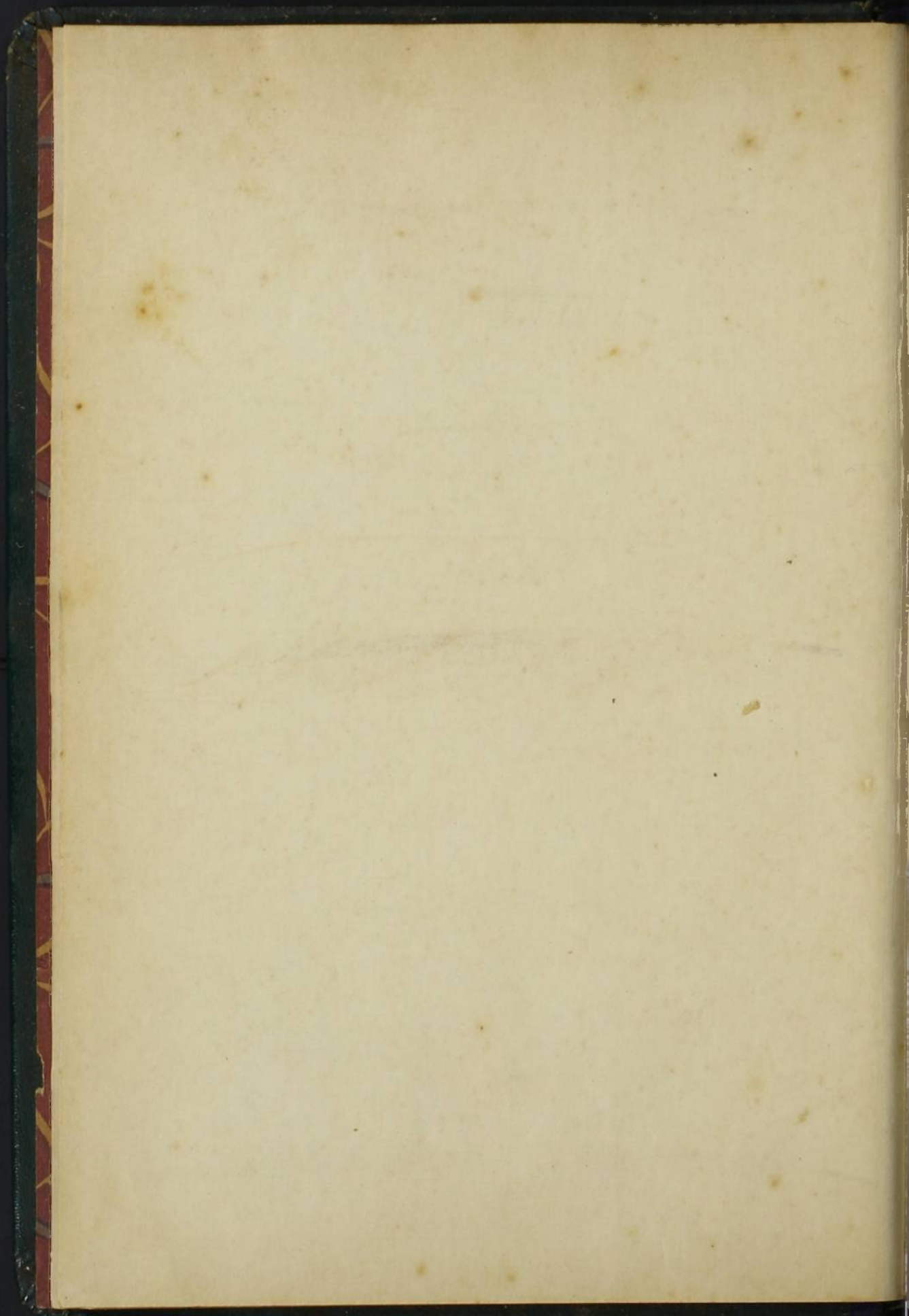




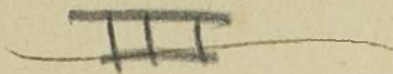
ESCADA



Copyrighted material



~~OSWALD DE ANDRADE~~



A

ESCADA

~~VERMELHA~~



1934

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 24-A / 30

SÃO PAULO

CAPA de José Oswald Antonio

198

III

A ESCADA

~~VERMELHA~~

1892-1997

141  
58  

---

199

~~141~~  
~~58~~  
~~199~~

Na madrugada de inverno que retardava o sol, Jorge D'Alvelos acordou no abandono de seu quarto.

Lá dentro a família dormia indiferente à sua mágoa, estranha, apenas compassiva. Ficou pensando em de novo partir.

Levantou-se embrulhado no seu velho pijama escocês, donde os botões de alamares se despregavam. Foi até a grande mala, repositório ambulante de sua vida. Retirou do fundo um álbum fanado de cartas e pôs-se a relê-lo sobre o leito de ferro que se desconjuntava na látea penumbra.

- “Tenho medo de que uma explicação arrepie ou pelo menos desorienta a nossa carreira sentimental. Que pena!

“Éramos tão feitos um para o outro!  
Chegámos através de tanto brinquedo a nos  
amar tanto!”

“Vida da gente.

Será possível que se possa amar tanto  
assim? Às vezes tenho ódio de ti, sinto vanta-  
de de te fazer morrer.

Mas de repente chega uma carta tua,  
bela como esta que veio, amorosa, suplicante.

Amo-te. Dir-te-ia agora um milhão de  
vezes sem cessar, os meus olhos abrasados nas  
tuas áureas pupilas, a minha vida dependen-  
do da tua bôca, do arfar do teu seio, da queixa  
do teu corpo. Minha Mary Beatriz, és o doce  
guia! O contrasenso mais lindo que a lógica  
da vida podia ter criado. Acreditaria hoje  
em Deus por tua causa.

Basta de besteira. O nosso futuro terá  
que ser combinado algebricamente, friamen-  
te. Um futuro de rabona e vestido branco.

Choraram os olhos de cigana. Que importa? O senhor quis que eles chorassem para que os pudesse beijar mais lindos no encontro. Quis que a sua boneca de cabelos fartos e negros sofresse para ter depois no noivado excelente a delícia da cura entre braços amorosos”.

“Meu enlouquecimento.

Imagina a vida partir-se e afastar-se da gente!

Sinto um sofrimento que chega à paradoxal surpresa de ser um ser despedaçado e vago que se sobressalta e chora longe de mim.

A existência nesta terra mortal é bem isso — a busca de uma coisa que está em nós e longe de nós, uma imagem ideal do nosso eu, um céu sonhado ou perdido”.

“Que saudade me punge! O amor assim,

como eu o tenho, é um cancro de cuja dôr se vive.

Ainda agora no atelier escurecido de estátuas, vendo entrar a noite pelos olhos loiros das janelas, senti a ferida bendita roer-me o fundo íntimo do peito. E a tua imagem exaltou-me em febre, fulminou-me em pálida síncope, atordoou-me como um apêlo de Deus. Oh! Miss Incrível como te fizeste amar! O ano termina. O ano que começou em Maio, lembras-te? A sala da exposição internacional, a sala onde nos achámos. Depois, fui esperar-te no nosso primeiro andar. Estavas linda, carnuda, de lábios molhados... se me lembro! E mentiste para me contar os teus receios. Pela primeira vez nas asas da tua fantasia, levantavas a verdade dos teus vinte anos doentes.

Talvez fosse o primeiro dia do meu amor por ti esse pedaço de Maio batido de sol e cavalgado de nuvens. Passaram-se seis meses e hoje amo-te assim. Se em cada um

dos dias que se foram, sem temor, me apunhalaste à cruz da tua eleição”.

“Amor, amor lindo.

Como preciso te falar, dizer coisas incríveis. Como é urgente enlaçarmo-nos numa mesma vida, numa provisória eternidade!”.

“Meu trágico enlévo.

Estás doente e longe de mim. O mal que pisa baixo quer empolgar-te nas suas mãos enluvadas. Tu que és a minha <sup>re</sup>sur-reiçãõ.

Lembras-te daquele dia em que visitámos juntos a Madona del Giglio, no pôrto onde barcos encalhavam?

Depois de atravessarmos os atoleiros verdes da margem, nos beijámos ante o sagrado refúgio e o rio calmo e grande na paisagem violenta.

Que te seja benéfica a terra iodada em que estás”.

“A tua carta de hontem trouxe um pouco de tranquilidade a esta alma-motor. Chegou até minha agitação o silêncio claro do teu quarto e o bocado límpido do céu que te cobre.

Falas-me no futuro, logo esperas por êle, logo êle não pôde falhar.

Estou só no atelier. Será meio-dia. Vai lá fôra céu azul. E aquí dentro céu azul.

Sabes que te amo? E’ a última novidade, a única que te saberia dizer sem mentir”.

“Encontrei esta manhã o Ugo. Falou-me de seu talento matrimonial. E’ feliz porque se casou com a obsessão.

Tem três filhos de fazer inveja à Casa de Savóia.

Hontem pensei em ti com exaltada sau-

dade. Nas noites longas sem ti, faz-me companhia a tua sombra augural.

Tastavella exigiu que voltássemos à sala clara de café onde éramos habitués, afim de renovar com a tua presença longínqua a efusão das horas que aí tivéramos juntos.

Mas a tua sombra benéfica não gosta do tilintar de risos e de copos. Ela apenas consente descerrar as asas carinhosas e sutis na penumbra pensativa do meu deserto eleito. Hontem à noite procurei uma bruxa da Via Appia, para que com os olhos em Saturno e mergulhada no futuro, me dissesse coisas espantosas. E a megêra me anunciou que havias de morrer criança. Responde-me que ela mentiu, herdeira efetiva do anjo que guardava, roçando as asas enormes pelas cortinas, o meu leito de criança!”

“Como cresce o amor neste exílio.

Tôda a vez que te perco, aumentas de estranha luz, sobes de ímpeto no meu cami-

nho, assombras a minha vida. Nesta persistência demorada de ocaso, assalta-me de novo a idéia dolorosa de perder-te... Em todo pôr de sol há um braseiro estinto. E' a morte de um dia.

E o desaparecimento persistente, nítido e loiro d'êste grande dia azul de hoje enche-me de mágûa. O teu coração, Mary Beatriz, encerra para mim as promessas simples da vida. Se um ocaso como êste me atingir um dia pela tua mão salvadora, permanecerêi cego como a noite que baixa e mergulhado numa recordação palpitante de estrêlas”.

Apagou a lâmpada elétrica.

O ocaso descera. E êle sentia, na madrugada que azulava a vidraça nua do seu quarto brasileiro, que tinha os dois olhos vasados

de lágr<sup>im</sup>as. Descerrou a janela para vê<sup>r</sup>. Fô<sup>r</sup>ra, entre cânticos de galos, as estrê<sup>l</sup>as caíam.

Era assim que Mary Beatriz se destacava do passado como um gesto. Ela movia-se, andava. Ele permanecia quieto, vendo-a, numa frialdade contida do ânimo impávido. O seu amor revivia num restabelecimento de atitudes amigas e mortas. Voltaram as horas uma a uma.

Não podia continuar assim. O horizonte do campo exaltava sua vida interior. Alma d'Alvelos jazia confundida no sepulcro novo de Mary Beatriz.

Despediu-se inesperadamente da família, feudal e inútil, que não mais o pudera absorver. Partia. Voltava à capital.

O trem e o céu dessas terras, vasto a per-

der-se, fazendo ressoar as pancadas das porteiras brasílicas na névoa, o cheiro dos currais e o mugir das vacas presas, t<sup>o</sup>da a liturgia camp<sup>o</sup>nia das primeiras sociedades terrenas num país rescendendo ao banho do dilúvio.

E a escravização do homem pelo homem.

Estava novamente em São Paulo.

Povoou de esboços um grande atelier num andar térreo da Liberdade.

Agora que se votara definitivamente ao internamento das cidades, pensava como podia ter sido diferente a sua vida.

Recordava a invasão das primaveras brasílicas, a-cavalo, esplêndido, moço, como podia ter sido.

Um pássaro cantava. Um pássaro azul biccava uma f<sup>o</sup>lha de árvore imensa e quieta. E o sol e a estrada.

Tinha saído dentro da noite. Fôra ao centro, perdera-se nos bairros banais. E como por tôdas as pessoas que encontrava, visse a alegria inconciente e sem vergonha da vida, teve o ímpeto de estacar tôdas, uma a uma, e perguntar-lhes se não tinham chorado um dia e paralisar a desprevenida festa das calçadas e dissolver os ajuntamentos divertidos, ir de homem a homem, de mulher a mulher, evocando: — Não te lembras mais, êle! ela!

Dizer aos que sorriam: — Escuta, nunca sofreste? Nunca perdeste aquela que amavas?

E de sua dôr v<sup>er</sup> nascerem milhares de dôres anônimas... E ir assim pelas ruas abrindo um séquito imenso de macerações.

Mario de Alfenas levou-a a um cabaré para distraí-lo.

Gerações sucediam-se nos velhos ambientes de deboche.

Jorge não conhecia ninguém. Mario apresentou-o ao engenheiro Bandeira, ossudo e grisalho. Reconciliara-se com a Lucy da Pensão Chiquita e pagava champanhe aquela noite.

Mostraram ao artista um mago estranho da cidade.

Era um sujeito entroncado que parecia ter sido achatado propositalmente por qualquer dedo sobrenatural.

Lia o destino nas mãos e conversava com os astros no sereno das noites cidadinas. Contava que pusera o Antenor Lima na panela.

— Vão ver como ele rebenta.

Na galhofa da orquestra volteava o espasmo convulso dos tangos. Havia contatos de carnes brancas e rostos gravados de calvários.

Uma mulher de cabelos curtos veio sentar-se à mesa, ao lado de Lucy, insignifican-

te, grudada ao engenheiro que se embebedava numa íntima festividade.

Mario de Alfenas, muito sério, confessou, a Jorge, que tinha também um caso, uma dansarina do Apolo.

O mago conhecia-a. Fizeram-lhe o necrológio tímido.

Chamava-se Arlete. Era uma criatura de bons sentimentos.

O engenheiro de repente perguntou à roda se Lucy não era uma mulher ideal.

O champanha decrecia nos copos.

Um bêbedo, levantou-se e dirigiu a orquestra, de pé, com os braços incertos e pesados.

Corpos uniam-se nos maxixes.

E o amor estuava, suplicante como ante os portais fechados de um templo.

O mago esquecera os olhos pequeninos na fumarada azul da sala. Obstinava-se numa face de pesquisa quieta.

O escultor interrogou-o.

— Estou vendo Cristo Nosso Senhor.

Saíram na madrugada avançada. Despediram-se.

Jorge veio só pelas ruas.

As fábricas anunciavam o fim da noite, um apito espevitava-se no azul ferrete, passavam os primeiros bondes acesos, uma velha mendiga vomitava de fome, sentada à soleira de uma igreja escura, cornetas de quartel acordavam a cidade.

E Cristo subia do tecto do dancing, alto, espectral para o ninho das auroras.

Um grupo de rapazes e velhotes tinha invadido o atelier.

Viera, trazido pela admiração incansável de Carlos Bairão.

Era um ajuntamento de partidos pelo meio, de semi-homens supremos que ensaia-

vam, numa incapacidade lancinante, atingir o que chamavam “os estados superiores da terra”. Intitulavam-se os artistas da cidade.

Alguns já maduros, aceitos em rodas pasmas, outros na angústia de lutas incompreendidas, aumentadas pelas misérias de seus lares convulsos, os demais boêmios imprecisos, revoltados à-tôa, todos sob o incubo de maldições e desastres.

Ante as modelagens, pararam na elevação religiosa dos compreendidos.

Eles, que constituíam o beatério da arte, escapados tristes do mundo, para um fundo limoso de estesia sacrista, que eram na terra brutal e indiferente o apostolado macilento da oração das artes lívidas e saíam em bichas processionais, de opa macerada, levando a lamparina de suas almas medrosas atrás dos desviados andores e das pequenas adorações, — eles ali se enchiam de uma magnada consciência de sua utilidade humana, e no choque das próprias confusões, que lhes trazia a afirmação daquela vitória de homem,

fundiam-se como escravizados numa integração final.

O artista mantinha-os num risonho acolhimento, sentia-lhes a impotência eloquente e numa compassiva dôr os estimava.

Queriam explicações e rumos para satisfazer-lhes os subjetivismos duradouros, davam denominações lancinantes aos grupos esboçados.

Jorge tirou cautelosamente o pano de sua última obra encoberta ainda.

Tentára na greda húmida do Brasil fazer a caminhada das primeiras camadas raciais.

E num ritmo de cavalos sobre-humanos, achatou-se na prancheta — lívida como a terra — a procissão de cruzes, bandeiras, maternidades, moléstias, êxtases incubados, falsas santidades, destrezas paralíticas, — toda a verdade trágica da primeira gente emigrada para o degrêdo verde dos Tapuias, com bentinhas, franciscanos e rosários, sob um céu lí-

rico, por um mar insensato, num delírio nómade de lucro.

Fitando de perto os terrosos, os amarelos hisnetos vivos dos rapaces conquistadores, curvos sob o defeito longo dos defeitos domésticos, dos fetiches da honra, dos amuletos sentimentais, da fidalguia suspeita e da glória bastarda dos navegadores e dos bandeirantes, Jorge D'Alvelos sentiu sua obra apenada e pálida.

Mas eles, ao contrário, extasiavam-se, compreendiam.

E na seriedade dos olhos onde se confessavam todos os crimes, tôdas as covardias, tôdas as vontades falhadas, mas também os mártirios anônimos, as tentativas de vitórias fecundas, o escultor viu passar uma promessa contente.

Tinham saído aos dois, aos três.

Eram, com excepções, decaídos de famílias estabelecidas no continente num estouvamento de fidalguia, estendendo o seu domínio por gentes e escravos, campos e serras. O im-

pério dera-lhes baronatos, a terra trabalhada pelos negros dera-lhes ouro. E no país assombrado haviam-se vinculado a preconceitos tentaculares de glória paroquiana, feudais senhores de chapelão e barba, gerando numa sexualidade redobrada pelo degrêdo, rebentos inúteis e pomposos, falhos rombudos de orgulho nativo, pedaços anacrônicos de Meia-Idade portuguesa. O tempo trouxera a libertação dos escravos legais e as novas imigrações. E a terra cansara de dar a moeda rubra na ponta verde dos velhos cafezais.

Sobre a geração do Centenário, estalara a crise econômica no combate cego com as novas estirpes, vindas já depois da guerra e da revolução bolchevista, sem o trambolho dos brasões, o lastro pesado das fidalguias ilógicas, o aluvião dos bentinhos caseiros, das guinés morais, dos atavismos líricos e das canseiras históricas.

Jorge ergueu-se, andou e, numa confiança comovida, fez desmoronar, da extensa prancheta, numa bola informe e ruiva sobre

o chão do atelier, o passado crepuscular de seu povo.

Carlos Bairão obtivera para <sup>ê</sup>ele um contrato de cimalhas e decorações. Terminou tudo <sup>de</sup>pressa.

Na manhã desocupada penetrou numa igreja. Era a mesma, onde na soleira a velha mendiga vomitava dias atrás.

Jorge nada mais tinha que fazer de urgente. Sentia os braços inertes, o coração angustiado. Não se achava mais capaz de empolgamentos nem de decisões.

Na nave imensa, ajoelhavam-se devotas. Um sacerdote paramentado, seguido de um coroinha, dava-lhes a eucaristia numa pressa massada. Fechou o santuário, foi-se.

Ante um inexpressivo altar, um outro padre rezava em altas vozes inexpressivas.

Não era sincera aquela prece. Aquele homem não era sincero.

Jorge sentia numa desolação, todo o quadro de graças feito para os pequenos consumidores.

La fôra, na aridez das ruas, dos quartos humanos, das praças tristes, os homens buscavam à-tôa os direitos caminhos de Deus. Deus era como êsses bichos de sotaina, covarde e libidinoso, vesgo de julgamento, sedento de vingança. Os seus acólitos, que acolitavam as classes ricas, cínicos, de olhos torvos, festejavam a vida em satiríases ocultas, desmoralizavam inocências numa repetida e cautelosa hipocrisia.

Apenas uma consciência formal e duvidosa enrijava os tempos modernos da Igreja.

Jorge D'Alvelos acendeu o atelier. Deitou-se ao divã acariciando a pequenina es-

finge de doze mamas que o vira suicidar-se. Era a vida inapreensível e fugidia. Era o insaciado mistério.

Ele sugara-lhe os peitos túrgidos e imurcháveis, bebera-lhe o leite amargo e o leite maravilhoso e não conseguira tomar-lhe ainda o definitivo sentido.

Os seus olhos recurvos e côncavos continham os olhos de Alma sacrificada e os olhos salvadores de Mary Beatriz e os olhos do incubo que lhe falara por noites isoladas e os olhos do mago que vira de pé, Cristo na fumarada do rendez-vous americano.

Em cada rosto calvo de homem, em cada figura flamejante de mulher, Jorge perscrutava sempre a solução.

Embarafustara numa ânsia de naufragado que se salva pela afirmativa das possantes teogonias, com catedrais, sinos e composições de consciência no escuro espectral dos confessionários. E, num pálido assombro, vira, sobre a cabeça dos incensadores macerados, na

pompa calculada do culto, pela porta dos sacrários aparecer a cabeça líbrica do deus Capital.

O artista queria acreditar. Acolhera-se ao signo moral e poético de Kant e de Ibsen. Mas identificava-o de repente nas colheitas do tostão miserável das massas em que os exércitos de salvação propagavam, com bombos e cânticos, a opressão voraz dos imperialismos.

Chafurdava então no pior romantismo, o que permanece contente e fideísta nos corredores infernais do mundo. E cria ainda nas Madalenas preparadas dos bordéis como também na positivação terrificante de tôdas as preces, de todos os gestos para o alto, de todos os apocalipses sonhados ou escritos.

Percebeu, de repente, que estava no Lavapés, ruidoso e animado naquela noite de sábado.

Saira a t<sup>o</sup>a no j<sup>o</sup>go ininterrupto dos tra-  
pézios cerebrais. E, andando, descera insensi-  
velmente à Glória.

Agora ia subindo como anos atrás a rua  
Scuvero. Nunca mais revira o sobradinho  
marcado pela lembrança lancinante de Alma.  
Iria para lá numa peregrinação tímida, pois  
que o acaso para lá o conduzia.

Uma mulher de olhos bonitos, sob um  
chapéu de larga copa, as mãos enluvadas e  
um expressivo rolar de ancas cheias, veio na  
sua direção e vendo-o parou num sorriso —  
Jorge D'Alvelos!

Ele apertava a mão oferecida sem saber.  
— Não me reconhece? Antonia, a mo-  
dêlo que recusou...

Vagamente na memória do escultor, fa-  
lou uma lembrança de história em que Lino  
de Albuquerque, desencontrado de gestos,  
varava pelo atelier do Palácio das Indústrias  
com uma mulher pela mão. Era ela.

— Continua a ser modêlo?

— Não. Foi só para servir aquele ingrato!

— Tem notícias d'ele?

— Nunca mais.

Jorge sentiu, conversando na sombra com a mulher fácil, uma ligeira perturbação de macho.

— Aonde vai?

— À farmácia, buscar um sabonete.

O sobradinho na distância atemorizou-o. Pensou que não devia prosseguir até lá. Aque-la mulher posta ali vedava-lhe a visita inconcientemente tentada. Voltou com ela até o cotovelo rumoroso do Lavapés. Num portão, um homem macerado tirava três notas longas duma flauta rústica. Crianças cantavam em rodas multicores.

— Quer ir esperar-me em casa? fez a mulher sorrindo. Dou-lhe a chave.

— Onde é.

A mulher deu o endereço. Morava na mesma casa que Alma habitara.

Jorge disse:

— Passarei por lá depois.

Despediu-se. Foi descendo mais pela ar-  
téria quebrada.

A porta de uma casa amontoava-se gen-  
te. Dansava-se lá dentro aos pulos. Festeja-  
vam um casamento.

Dobrou por uma rua deserta. Andou sob  
árvores espaçadas. Depois, ouviu uma corri-  
da de passos sonoros atrás d'ele. Voltou-se.  
Uma preta adolescente, de trunfa, gritou-lhe  
numa voz debochada:

— Tá com medo de mim?

Aproximava-se. Jorge fitou a ex-  
quisita aparição e perguntou-lhe o que fazia.

— Besteira!

De uma esquina saíra um outro homem.  
Na mesma corrida de passos sonoros, ela foi  
perseguir o outro.

Era assim a vida, um jôgo e uma masca-

rada. Dir-se-ia que tudo tinha secretas correspondências, dissimulados avisos, ligações invisíveis mas perfeitas.

E o sentido disso? Haveria de fato uma caixa de teatro no interior impalpável da existência terrena e como contra-regra o inflexível deus de todas as religiões?

Fechou-se de novo no atelier. Compôs um esboço de relevo monumental.

Ante a criação ia comovendo-se.

As lágrimas subiam, inundavam-lhe os côncavos olhos.

Que opressão integral do ser emotivo, que nervos abertos aos menores barulhos, que sentidos sonoros!

Como o Cristo do Jardim das Oliveiras, o artista carregava dentro de si toda a pena do mundo.

Ficara até tarde na rua, perscrutando as coisas terríveis que andavam à noite. Viu um casal moço e alegre brigar longamente numa área de parque; passou por ele com um magricela, comentando atletas de trapézio, um anãozinho de circo; bêbedos e mulheres desciam a esplanada do Municipal cantando.

Encaminhou-se por uma rua deserta e silente entre árvores e súbito ouviu como uma música cadenciada de dança bárbara, um arrastar de chinelos rascantes e passos caminhando para ele. Em sua frente, longe ainda, desenharam-se dois bizarros peregrinos da cidade cosmopolita. Vieram. Cresceu o arrastar regulado dos chinelos e o batuque dos passos sob as árvores. Passaram. Um era alto, moreno e trazia na cabeça um disforme canudo, o outro, minguido e retêso, sobraçava um grosso embrulho. Um guarda que estacava ali, fê-los parar. Houve um silêncio.

O soldado examinava detidamente o embrulho. Jorge aproximou-se.

— Foi uma família que me deu, explicava o baixotinho, com olhos concentrados nos botões metálicos do guarda. O escultor indagou o que faziam àquelas horas.

— Vamos dormir no albergue, disse o alto.

— E' brasileiro?

— Não. Sou turco, meu senhor!

Jorge percebeu a Ásia t<sup>o</sup>da dos grandes olhos habituados aos contágios religiosos no tipo escultóreo e moreno, de bigodes caídos sobre dentes brancos. Trazia um chapéu de mulher e um bastão de viandante. Era paralítico da perna que arrastava.

— E você?

O pequenino largou na calçada o embrulho que sobraçara de novo, tranquilo.

— Sou um inutilizado também.

Tirou do escuro das roupas uma mãozinha retorcida e dura e exibiu-a como um pas-

saporte vitorioso para tôdas as tranquilidades da vida.

O escultor distribuiu-lhes poucas moedas a êles e ao guarda.

E foi pensando, só de novo, na escalada dos aleijões às seguranças divinas.

Êle, o aparente homem integral, não podia exhibir aos guardas vigilantes da terra o coração aberto em chagas, a alma retorcida de paralisias, o cérebro cansado de doenças.

Pensou em renovar os fastos da existência. Reagiria. Se se casasse? Com quem?

Sentiu que aquela banal felicidade não podia nunca mais ser atingida pelo seu desejo. A sua tristeza seguiu-lo-ia nas calmas assembleias da vida. Um espetáculo de tribunal estacaria sempre diante dele, sentinela silenciosa de sua desgraça.

Nunca mais poderia ser alegre, nunca mais.

Uma inquietação qualquer haveria de roê-lo por dentro.

Interrogava uma a uma as larvas das aflições. Elas respondiam apenas com sua pasmada presença.

Por que o desleixavam assim? Porque o não entendiam.

Andava sōzinho pelas ruas, sem compensação para as velhas energias não gastas.

Súbito parou. Estava no canto deserto do Lavapés.

Outra vez um instinto obscuro e lumino-

so o levava pelo braço até lá. Subiria até lá. Subiria agora.

Não se decidia, hesitava.

Mas romperam de chôfre aos seus ouvidos pasmados, cem cornetas tocando. Era a fanfarra do antigo quartel.

— Oito horas.

Olhou o cenário noturno. Havia uma grande lua brincando com esfarrapamentos de nuvens.

— Esta noite permanecerá na nossa vida. Escuta como se recortam bem essas notas!

A fanfarra cantava, perto, sonora, a chamada solene das recordações.

Jorge subiu resolutamente, de chapéu na mão, numa convicção muda de peregrino. Sabia que a casa fôra deixada pela mulher que o encontrara da outra vez. Lera, numa crônica de teatro, a sua mudança para o Rio.

Procurou apreender a fanfarra, destacá-la dos barulhos múltiplos da noite. A cor-

neta cessára. Os tambores quasi não se ouviam. E foi reconstruindo a via do antigo calvário. Parecia haver mais gente na rua do que outrora. Tinham feito casas novas numa esquina.

A corneta vibrante recomeçou. A lua muito alta aureola-se duma coma ruiva, onde as nuvens ténues brincavam. Onde estaria Alma? No céu imóvel dos católicos? No aro fulvo da lua? Ou ali, ainda, na casa muda como um túmulo?

Jorge parou para examinar o sobrado velho. Tinham pôsto cortinas nas janelas. Lá dentro, havia luz como antigamente. Uma vida angustiosa parecia sufocar-se por detrás das paredes.

E a corneta tocava, tocava, na noite de luar.

Ele recompôz os móveis, a disposição do leito, do reposteiro côr de sangue negro, do tamborete antigo.

Perdera-se tudo? Não. Nem ela se per-

dera. Bastava haver um toque súbito de clarim na noite evocativa.

Jorge comovia-se num grande respeito ante a ressurreição cristalizada de Alma. Ela ficará esperando-o ali, no local eleito do drama. Habitava a casa alta, assombrando-a num calado benefício, para quando ele passasse na renovada via-sacra da vida.

Foi andando como antigamente.

A fanfarra amorteceu no brum-brum-brum das caixas sonoras que um pesado crepe envolvia. E ia dizendo:

— A boneca morreu. Escuta o funeral dos tambores!

Um e outro entusiasmo novo e amigo trazia-lhe o eco longamente frustrado das aclamações.

Insensivelmente o seu ânimo mudava. Uma claridade tomava-o a pouco e pouco e

com ela vinha uma já esquecida capacidade de dionisismo. Surpreendia-se a cantar canções dos vinte anos.

✕ Mas uma mínima contrariedade gelava-o. Vinha-lhe à vigilância magoada a recordação de tudo o que tivera e de tudo o que perdera. Voltava-lhe a visão das justiças impassíveis que o haviam desnudado de benefícios, tudo o que era seu e que lhe tinham tirado.

A esperança falava de novo. Mas era a esperança timorata dos desiludidos.

Às vezes um perfil de mulher ou de criança assustava-o. Uma recordação afirmava-se por um nome — Mary Beatriz, Alma, as outras, as perdidas no longínquo passado, as que a primeira eclosão da existência tinha feito vir pelos caminhos do amor.

Jorge fôra uma explosão de energias cíclópicas, invertera destinos nas mãos de modelador, destruíra tranquilidades para sempre, quebrara apaixonadas resistências e fizera dos seus anos iniciais um dominado tumulto de lágrimas hostís.

A vida depois modelara-lhe o torso, implacável justiceira.

Encontrara num jornal o anúncio de um pavilhão isolado numa chácara de Sant'Ana, chamada **O Clarim**.

Fôra incumbido de compôr os relevos de um teatro novo. Mudou-se para o arrabalde. Na vivenda morava um agricultor maniaco, de barbas pretas, com a mulher Rita e sua cunhada de quinze anos — Gulnare.

Tivera um reinício de vida nova com a alegria de comer a horas certas à mesa dos Castro. A comida simples como a conversa reanimava-o infantilmente!

Isolava-se no pavilhão dos fundos durante o dia. E assim, insulado, num eco de reminiscências, a pata longa das tragédias vinha encostá-lo à parede do destino.

Sentia uma penetração suave na presença de Gulnare.

Ama-la-ia?

Um contacto simples da mão, um interessado riso, um grato gesto punham-lhe benefícios incalculáveis na alma voltada a si.

Uma prolongada indiferença, um acento incontido de cólera, num brinquedo, faziam-no bater os dentes no silêncio claro da grande sala onde trabalhava.

Gulnare parecia tê-lo abandonado nas longas noites inúteis.

Ele saiu, rodou, foi às redações onde tinha amigos.

Sentou-se para cear a um restaurante noturno, comeu numa represália à vida funesta. Não tinha nada mais senão a animalidade a satisfazer. O amor negado transformava-lhe a vida num horário de bestialidades.

Regressou à Sant'Ana num táxi.

A má digestão pôs-lhe fantasmas no quarto. Gulnare toda de branco avançava para ele de punhos terríveis, outra, diversa. Ele defendeu-se, ergueu-se de pé, num salto, sobre o leito.

E, na noite opaca, o vestido branco fixou-se num retângulo vago de janela.

Encontrou-a no jardim. E de repente quis interrogá-la, saber, decidir. Ela estava num silêncio, o livro habitual fechado sobre os dedos.

Mas a sua frieza desencorajou-o.

Ia descer para a cidade, para o Conservatório. Colocou ante o espelho da sala o extenso chapéu de palha da Itália. Partiu depois de lhe dar a mão indiferente.

Na manhã de céu sombrio, Jorge ficou pensativo, olhando a cidade, num desconcerto de idéias e caminhos.

Percebia definitivamente, na adolescência de Gulnare, uma inquietude perigosa que a levava a repeli-lo e a tentá-lo, mesmo nas horas boas de entendimento.

Precisava como as outras ser maltratada e tinha apenas 15 anos.

Alguém parecia trabalhar-lhe o pequenino espírito vivo. Seria com certeza a irmã absurda e viperina.

Jorge teve subitamente a certeza de que Rita o amava, dentro de infindáveis e peque-

ninas perseguições, súbitos interesses, querelas idiotas.

E sentia, num acordar de cansaços, que era preciso ainda continuar a vida.

A paz que julgara encontrar junto ao agricultor barbudo e a sua família simples, no deserto do Clarim, jogara com ele o esconde-esconde da felicidade. Rita, a mulher honesta do início... uma fêmea revoltante.

Gulnare, irmã virgem de Rita.

Pensou em sair daquele jardim, mudar-se de novo.

Oprimia-o, amassava-o, penetrava-o de brutalidades a vontade de ser feliz. Era o desejo imperecível que carregava num instinto clarão, dentro do ser amoroso, expectante de repercussões, cansado de maldades, horrorizado de equívocos.

Encontraria outra vez o amor de Mary, o amor ambicionado que o completasse? A sua natureza, amadurecida numa plenitude de lógica, necessitava de claras correspondências, de abertas respostas — uma mulher que fôsse transparente, cristalina e igual.

Teve um desespero rápido. Perdera tanto tempo, tanto tempo!

Pensou aflitivamente em Gulnare. Amava-a sim. E por que ela não se deixava plasmar nas suas mãos heróicas? Cresceria. Faria-se mulher, entenderia afinal para se arrepende, quando já o irrevogável de outros caminhos os tivesse afastado para sempre.

Era assim a vida, a procissão do Desencanto que o trouxera para longe de Mary Beatriz.

Voltava à morta lírica. Às vezes ao topar-lhe o risonho retrato, fulminado vi-a vi-

ver num rápido minuto de aprovação, de consolo, de tácita esperança.

Mas a fotografia estacava na atitude procurada, deixava escapar a existência humana readquirida, ficava inerte, sorrindo.

E o turbilhão que o oprimia de sonho desfazia-se, deixava-o num velho amargor de velha desilusão.

Agora descia mais vezes à cidade.

Ia realizar os detalhes de uma cripta que lhe fôra encomendada pelo engenheiro Paulo Garças, num grande escritório do centro.

Mandaram-no ao Rio, afim de tirar reproduções das igrejas coloniais. No corredor do noturno uma mulher interessou-se por êle.

Na excitação tropical, orgíaca, bêbedos um do outro, amanheceram no largo apartamento do mesmo hotel.

Tomando-a pelo braço, saía com ela no borborinho das ruas. Oprimia-lhe a mão enluvada no escuro dos cinemas.

Na tarde cenográfica, tomaram um automóvel. Copacabana abria um imprevisto mundo de águias verdes, rolando sob o céu finito e igual.

Na direção da Gávea, o oceano líquido e verde beirava ilhas imóveis. No fundo da terra, os morros da cidade erguiam cubismos negros, volumes majestáticos, enormes. O auto corria para eles pela faixa lisa e branca, numa ânsia de soterramentos.

O artista deitou a cabeça farta ao colo suave da amante imprevista. E dialogaram

ante a festa muda do mar brasílico e da terra brasílica.

Nora falou como quem fala para a sua natureza. O homem forte ouvia-a. Sentia-lhe o sentimento estuante e súplice nos olhos lindos sob o chapéu lilás. As suas mãos tocavam-no tremulamente, num carinho impulsivo.

Os volumes montanhosos pareciam deslocar-se sobre eles, oscilar.

O mar beirava as ilhas quietas.

A mulher falava, falava.

E estabeleceu-se em Jorge, ante o cenário irreal, uma súbita transposição para dantescos mundos, onde a miséria humana igualasse-se, pela poesia e pela dôr, os recortes assombrosos das selvas e a grandeza silente do horizonte marítimo.

Estaria vivo ao lado da desconhecida ou a morte os acoitara já em terras olímpicas para julgamentos e definições, para irreveladas notícias do que tinham sido?

Os Condenados.

Voltaram a São Paulo. A cidade barulhava numa festa de relógios sonoros. Cinco horas. Jorge jantaria com ela. Ia conhecer o palacete onde morava só.

Uma mulata veio abrir. A patroa saíra. Jorge depôs o chapéu de feltro, penetrou numa saleta penumbrosa e odorante.

A noite caíra. De olhos cerrados, a cabeça pendida num encosto de poltrona, Jorge sentia uma vaga preguiça amolecer-lhe o corpo cansado.

Aquilo tudo podia ser seu.

Nora chegou num halo branco. E ao recebê-lo ali, ria toda, tocada de felicidade nervosa.

Foram jantar. Ela voltou do quarto de cabelos refeitos e lábios avermelhados.

E, enquanto a mulata servia os pratos ligeiros, ela lhe relatava a vida dos últimos dias.

Aquelas rosas de açafraão tinham-lhe sido

mandadas por um amigo milionário que regressara dos Estados Unidos.

Mandara-lhe um anel.

— E essa pulseira?

Era um aro simples de cabelo de elefante que ela trazia sempre ao braço esquerdo.

— Foi o meu amor que morreu.

— Era casado?

— Com outra.

Silenciaram. A noite lá fora dobrara as estrélas.

— Tens fotografias dele?

— Só uma.

Trouxe um retrato. Depô-lo na sala silenciosa.

A expressão de Nora pedia que o artista continuasse a ronda emocional. Trouxe um cofre minúsculo de bronze. E de dentro saiu uma carteira de couro monogramada na ponta, depois um cachimbo usado. E, num laço branco, uma mecha pequenina, tímida, de cabelos lusídios.

— Olha como o cabelo d<sup>e</sup>le era lindo, fo-  
finho!

Quis cantarolar. Mas uma súbita tristeza emudeceu-a. Teve uma súbita qu<sup>e</sup>da de cabeça soluçante. Tremia t<sup>o</sup>da, pequenina, humilhada, numa imprevista confissão de miséria integral.

Jorge olhou a mesa onde os objetos permaneciam.

Uma alteração imprevista, brutal esperava-o no escritório central do engenheiro G<sup>ã</sup>rcas. Negavam-lhe brutalmente qualquer indenização pelos custosos trabalhos da cripta que fôra recusada a pret<sup>ê</sup>sto de modernismo.

— Eu o conheço! berrou o homenzinho entroncado.

Jorge zangou-se. O outro quis p<sup>o</sup>-lo na rua. Ele então atirou-se, bateu.

Empregados acorridos de t<sup>o</sup>da parte acudiam. O homem chorava. Tinha a cara ensanguentada, os olhos feridos.

Jorge compreendeu que devia fugir. Procurou a escada, saiu.

Sentia-se másculo, sentia-se homem.

Talvez a sua atitude o perdesse. Não haveria mais recurso algum. Tomavam-lhe os trabalhos sem pagar.

No regime capitalista, era assim. Ele se endividara para produzir...

Mas sentia-se másculo, sentia-se homem.

Carlos Bairão fê-lo dormir na sua garçonnière. E de manhã, preparando uma viagem

às pressas, pô-lo na sua Cadillac veloz. Mascara-rou-o com óculos enormes de excursão.

Foram buscar <sup>ra</sup>uma maleta de roupas no Clarim, o que Castro atarantado emprestou.

Passaram os portões do Caminho do Mar. Desceram a serra num panorama de calor.

Estavam em Santos. Chegaram a um hotel. Carlos então contou-lhe que contra <sup>ê</sup>ele tinha sido dada uma queixa-crime. Os jornais, vendidos às classes ricas, agravavam a agressão. Envolviam numa infame suspeita de desonestidade o artista lesado.

Jorge acordou na manhã do quarto desconhecido. E viu Carlos Bairão e um outro rapaz; alto, elegante, forte. Era Claro Dutra que lhe vinha propor como refúgio seguro, enquanto as coisas não se aclarassem em São Paulo, a ilha Verde em frente ao litoral.

Numa confusão de idéias que o cansaço

amortecia, Jorge agradeceu o apoio que lhe traziam. Os dois amigos falavam diante d'ele, semi-acordado no leito. A ilha era quasi desconhecida. Frequentavam-na apenas os praticos que iam esperar os vapores na barra. Gente fiel. Num pavilhão abandonado morava uma familia de pescadores que perdera o chefe. O marítimo Quim João zelaria pela sua segurança.

A "Marina" trepidou na Ponta da Praia. Os homens da lancha manobraram. Jorge chegou mais para junto do banco onde ficara a mala de Castro, minúscula, de tela, onde tinha toda a sua roupa. Uma alegria de escapar a possíveis presidios, tomou-o. E sentiu com felicidade o mar do exilio, balouçante, liquido e imenso.

Claro Dutra que se levantava na prôa, junto ao mastro, chamou-o. Ele não pôde

ir. Uma emoção sentava-o. Depois ergueu-se a custo, olhou o desdobrar escuro da costa. Atravessaram a baía, saíram.

O mar largo anunciou-se numa fusão de massas brônzeas. Rumaram para a ilha, onde um buqué de coqueiros ardia na tarde.

Contornaram os rochedos, procurando desembarque. Uma menina de branco, virginal e agreste, esperava-os no ancoradouro de pedras.

— Como se chama? perguntou o exilado.

—Vitória Agonia.

Tia Amélia apareceu numa risada sem dentes. Foram ver o chalé erguido cem anos atrás por um nauta flamengo.

Percorreram os picos amontanhados, o recôncavo da enseada, as rochas longas.

Claro Dutra e Carlos Bairão iam regressar a Santos.

Abraçaram-se. A "Marina" trepidou de novo. Ele ficara só, junto à menina selvática.

Sentou-se a uma pedra. A "Marina" passava-lhe em frente, numa réta, levando-os.

225

A gente da ilha o havia tratado compassivamente, deixando-o isolar-se no chalé que habitava ou na ponta alongada dos rochedos.

Ele esqueceu as horas, olhando as ondas. Claridades laminavam a distância panorâmica. Nos coqueiros agrestes e crestados, um pássaro cantava o recolher do dia.

Uma saudade de possíveis amores vinha depôr-lhe na imaginação sensualidades calmas, refletidos crimes, nefandos atos praticados concientemente.

Pressentira na chegada, no contacto mais directo com a natureza, uma volta a Deus. Desiludia-se agora.

A divindade pairava naquele cenário

murmurante de águas. Mas envolvia-lhe o coração como o mar barulhento envolvia o rochedo duro em que o tinham abandonado.

Andará sem rumo, pelo dia inédito, descobrindo itinerários. Uma tristeza a pouco e pouco surgiu, enegreceu tudo — de ficar ali no chalé roído e velho ou vendo na tarde as velas alinhadas recolherem da pesca, pelo mar inexpressivo.

E sentiu de repente que a prece nascera num ocaso alaranjado de exílio sobre o mar.

A "Marina" reapareceu uma tarde, trazem-

do Carlos Bairão, efusivo, gritante, absurdo naquele silêncio.

Tiveram uma noite boa e tranquila no chalé.

Carlos desde que o trouxera a Santos não tinha subido mais à Capital. Deixara-se prender pela boemia elegante e praieira de Claro Dutra. Tinham estado num hotel do José Menino, justamente em companhia de Marcos Gurgel, o amigo de Nora, recém-chegado da América.

O seu otimismo reluzia — de certo andava tudo bem em São Paulo, adivinhava na côr do céu e do mar. Uma cartomante predissera...

No quarto superior do chalé, onde Jorge dormia isolado do pavilhão da família, conversaram até horas altas, ouvindo no escuro o pipilar dos morcegos.

Na manhã seguinte partiu, prometendo se ficasse em Santos, trazer à ilha Marcos Gurgel que o exilado queria conhecer.

A família do pescador era composta de tia Amélia, Mariinha, minúscula, de preto, Clarice de sete anos e a sobrinha de treze — Vitória Agonia.

Dois agregados chamavam-se Bentinho e Seu Luiz.

Eram taciturnos e magros.

O mar tivera rugidos à noite. Pela manhã de neblina azul, muito cedo, punha sob a janela do chalé negro, entre árvores, uma rústica fanfarra. E era sempre grande e inquieto, líquido, festivo e sem fim.

Jorge vira cair a tarde sem se mover do degrau de pedra bruta da encosta. Tinha os pés nus, doloridos de cardos. Sentia nas menores ramificações musculares uma carga de vida nova. Rehabilitava-se fisicamente, dolorosamente.

Carlos Bairão não tornara mais. Deçerto teria voltado a São Paulo num novo enlevo sexual, prosseguindo a sua vida delapidada de grande burguês.

Talvez Claro Dutra viesse vê-lo.

Dar-se-ia ao incômodo?

✕ E Marcos Gurgel? Podia ter regressado para junto de Nora.

Uma real impossibilidade de demarches fatalizava os olhos de Jorge diante do mar que o cercava. Aquela primeira semana acalmara-lhe as nervosas precipitações do instinto. Ante o oceano largo, as serras e a floresta do litoral, tinha uma sensação de eternidade imóvel. Para que correr, afligir-se, chorar? ✕ A vida naquele casto ermo, era isenta dos fervilhamentos das podridões. A própria fisiologia aproximava-o da animalidade dos pássaros da terra e do mar. Havia festas de velas brancas para os seus olhos nas manhãs estáticas. Uma fita de neblina anelava o recôncavo. A gente boa da ilha trabalhava calmamente. Seu Luiz, num gorro de marinhei-

ro, varria as boas fôlhas tombadas nos caminhos de pedra, nos pontilhões, nas verdadeiras terras. Uma prôa de transatlântico, rumando para Santos, destacava-se vagarosamente do cabo abrupto dos morros.

Ia tudo calmo e pacífico.

Entretanto no íntimo de Jorge um espinho ficara, apostemandolhe a tranquilidade. A lembrança de Nora inquietava-o. Que seria feito dos olhos amendoados e claros nos cílios irrequietos?

Talvez nunca mais pudesse vê-la. Em torno dele crescera decerto a onda dos desfeitos, das perseguições encorajadas, dos martírios planejados. Se tivesse permanecido em São Paulo, enlouqueceria talvez pela porta fácil das manias de perseguições. Um amigo que passasse sem lhe tirar o chapéu, uma saudação mais fria, um olhar indiferente criavam-lhe na cabeça alarmada uma convicção funesta de desprestígio humano. Sabiam de todas as suas misérias, aumentadas, glosadas

num juri perene. Um implacável veredito parecia acompanhá-lo. Discutia longamente a sem razão daquela hostilidade nos bancos dos parques, ao vento, na solidão benéfica do seu quarto.

Mas subitamente o desmentiam. Claro Dutra oferecera-lhe o asilo encantado da Ilha, onde o apertava uma vontade de crer novamente, naquelas horas imóveis.

A dedicação do marítimo Quim João, a amizade da gente pescadora, tudo o confortava. Sobre ele velava meia-dúzia de devoções.

O céu alaranjava-se do lado do ocaso. O mar estava muito verde no recanto de pedras.

Um grilo chamava a noite quieta, outro além respondia, outro, outro. Ele deixou o chalé antes que o sol recolhesse. E viu a família de preto, reunida no ancoradouro. A "Marina" aproximava-se num arfar de motor.

Junto ao mastro vinham três pessoas de pé. Jorge distinguiu numa emoção a figura elegante de Claro.

Os dois homens que vinham com êle acenaram. Eram Carlos Bairão e um desconhecido. A lancha fez uma curva para atracar. O exilado tirou da cinta o revólver e salvou com seis tiros a imprevista chegada.

Foi um apêrto confuso de mãos. Apresentaram-lhe Marcos Gurgel.

Como que instintivamente, o artista se afastou com êle para a ponta rochosa sôbre o mar. Os outros dois deixaram-nos.

A noite subia sem rebuços, sem mistérios. Uma paz vermelha recortava os montes. Jorge então perguntou ao homem cavalleiresco se conhecia Nora. O outro comoveu-se num rápido enleio. Passaram a porta franca das confissões. Marcos Gurgel amava outra mulher, mas roído de tragédia buscara em Nora o conforto talvez dum idêntico martírio.

A noite recortava sôbre a rocha a figura concentrada e nervosa do visitante. As suas palavras tinham sido simples, emocionais. Jorge olhou as ondas e o horizonte noturno,

onde duas luzes distantes tremiam. O homem falava ainda, falava sempre. Era o protetor devotado de Nora.

Um grande repouso iniciãra-se no coração de Jorge, onde o amor latejava. No coração da terra um grande repouso iniciãra-se também.

A lua alçou-se, minúsculo aro sôbre a costa fronteira. E uma procissão de luzes vinha pelo mar. Era um navio. Dois círios iguais e trêmulos caminhavam lentamente, solenemente. Jorge escutava, vendo. O homem disse a história do seu amor inquieto, falou ainda de Nora, da apaixonada confissão que ela lhe fizera do absurdo idílio com Jorge, o homem que não amava.

Os círios cresciam no mar, parecia segui-los um frêmito longo e mudo de estandartes retezados ao vento. No centro, uma luz verde brilhava, serena. Era a procissão da esperança pela noite fechada. A lua deramava no mar um tapête claro. Sobre a ca-

beça do homem que declamava, havia milhões brancos de estrélas. E a procissão lenta, solene, passou ao vento, devagar nos mastros iguais, nas luzes iguais, nos cordames, nas âncoras, nas bandeiras pavezadas.

Tinham recolhido ao chalé negro para jantar uma peixada trazida por Quim João na lancha. Os cinco homens sentaram-se rodeando a tosca mesa quadrada, sob a luz fumarenta do lampcão.

Jorge estava em frente a Marcos Gurgel. Claro centralizava.

Tia Amélia e as meninas vieram trazer as sopeiras fumegantes, numa misturada conversa, onde a malícia de Quim João epigramava risadas animais, de olhos meúdos.

Jorge pressentia em Marcos Gurgel a mesma tristeza sua.

Claro Dutra contava aventuras de mar como em Maupassant. Comentaram-se os tintureiros ferozes da barra. Referiram-se proezas simples, naturais da gente litorânea.

E o jantar escoou-se numa alegria rude de acampamento, numa concórdia rodeada pelo mar.

Na partida noturna, a lancha que levava Claro e Marcos arfou entre saudações. Jorge e Carlos que ficavam salvaram longamente.

Os dois amigos foram sentar-se no rochedo. A lua nova caía. As estrélas brilhavam foscamente. E vendo Carlos Bairão estirado sobre a pedra, na blusa de marujo que lhe cingia o pescoço, Jorge sentiu o pêsso todo de sua prescrição.

Nora ia ter de novo, a seu lado, Marcos Gurgel, mais devotado que antes.

Jorge sentiu silenciosamente que agora a amava. O seu coração era vivo de mais para estagnar.

Carlos Bairão partiu.

O mar estrondava na rocha, solapando as rochas seculares.

Bentevis amarelos, estufados de pena, vinham catar as baratinhas ligeiras do porto.

Quim João tardava a aparecer. Um dia mandou a Jorge jornais de São Paulo. O exilado abriu as fôlhas amarrotadas na travessia. Procurou o seu nome. Percorreu inutilmente as colunas cheias, soletrou as entrelinhas, releu. Parecia-lhe que o mundo devera ter parado ante o seu comovido exílio. Como se iludia! Em São Paulo, comentava-se o casamento de uma soprano célebre na Espanha; preparava-se um faustoso banquete para a recepção do novo embaixador argentino; demais, automóveis atropelavam crianças, soldados espancavam presos, advogados cretinos recebiam festas de homenagem.

Os jornais também não comentavam a glória perene daquele mar.

E Nora? Um nevoeiro silencioso esbatia-lhe a figura, relegava-a já para planos confusos. Numa incapacidade de adivinhações olhando o mar, Jorge ignorava o que poderia ter sucedido no regresso de Marcos a São Paulo. Os jornais também não falavam dela, de seu calado amor, de sua cândida desgraça.

Entretinha-se nas longas horas de expectativa dos transatlânticos, a conversar com os práticos que se revezavam na lancha de Quim João. O contágio daqueles homens marinhos dava-lhe o desespero dos entraves da terra. Eles só discutiam travessias, partidas,

expedições, naufrágios. E Jorge ambicionava ter aqueles olhos afeitos às incertezas, às neblinas e aos horizontes fugidios.

A cidade humana aparecia-lhe horrível na sua mesquinharia de contações, de suplicios, de raivas, de glórias anãs.

Não compreendia mais as elegâncias de Nora no seu “boudoir” perfumoso, nem aristocracias e nem confortos.

A pedra onde se perdia dias inteiros ao sol ou à bruma, às estrelas ou às ardências, parecia-lhe o suficiente abraço da terra amável. Para que mais?

Uma barba enruivecida enrolava-lhe o rosto tornado moreno. Os seus músculos retezavam-se, viviam na riqueza matinal das natações.

A sua máquina fisiológica funcionava num ritmo igual ao do dia sereno. Vinha-lhe um desprezo pelas cruzadas cidadinas de hipócritas devotamentos, de falsos sacrifícios, de mentirosos ideais. Os jornais que guardã-

ra assumiam ao comentário perene do mar largo, proporções de trágica comicidade. Falavam de caridade humana, afirmavam códigos de ética, bendiziam atitudes políticas envenenadas da mais cínica exploração burguesa.

O mar resava sempre nas rochas. No horizonte cresciam as velas mudas. E o céu criava novos ocasos.

Saiu na imensa manhã pela vereda de pedras agrestes. Um pássaro marinho piava tristemente, repetidamente, na neblina. Um inseto negro ferreteava o ar. As velas de novo alinhavam-se no horizonte quieto.

De repente, um sabiá coloria a ponta de um galho balouçante. Havia pipilos, conversas de aves aquáticas e assuadas imprevistas de bentevis no mato.

Uma corróira passava. E o dia em fôlha, como saído das mãos da criação, desdobrava para o alto a asa azul, acompanhando o sol.

Aquele abandono no rochedo dava-lhe no entanto ímpetos de chorar. Sentia um desamparo definitivo na alma descrente. Devia ser assim o inferno — na distância de todos um milagre perene de azul. E vagas noções de catecismo voltavam, retomavam posições inacreditáveis no exílio panteísta.

Um cigarro naquelas horas desertas, uma rosa silvestre meúda, amarela e quente que lhe deixava na mesa tosca do chalé a figura branca de Vitória Agonia, tudo ganhava proporções extremadas. Ele respirava sofregamente a flôr miraculosa; sabia-a desperfumada e aspirava-a. Não era a flôr, era o gesto humano que a trouxera. O cigarro que acendia carinhosamente significava o amigo que viera vê-lo na ilha perdida.

A natureza ciclópica, o mar imutável, a floresta ruidosa, nada significavam ante a

prece lacrimal de uns olhos. A floresta e o mar, enfim, o cenário vazio da terra parecia parar numa finalidade atingida, sem lutas sem metamorfoses, sem migrações. Apenas nele a centelha humana se debatia.

Uma rubescência sôbre os coqueirais da costa, cânticos de pássaros, vozes de nautas. A ilha amanhecia no mar encrespado.

A "Marina" atracou. Da janela do chalé, Jorge viu desembarcarem Quim João lesto e sadio, e seus homens. Desceu.

O vento batia rudemente. As ondas alargavam-se grossas, montanhosas, fundindo-se em massas verde-garrafa. Espumas prateavam cá e lá.

Quim João viera esperar o maior navio da carreira do Brasil. Era o "Brabantia" da Companhia Holandesa.

Tia Amélia serviu o café saboroso com o pão fresco trazido. Quim João brincava com ela. Uma correspondência forte, animal, de alma que desconhece artifícios, sem pudores procurados, enleava aquela gente do mar.

Eram iguais na viva inteligência, na graciosa iniciativa, na pronta resposta. Jorge revia, na sua memória, a torva consciência fechada das populações centrais, muito mais submetidas à exploração de senhores e capitalistas que as faziam desconfiadas e silenciosas. O mar, ao contrário, libertava de uma certa maneira. Obrigava a gestos, a vozes altas, a arrojadas empresas.

Chamavam Quim João. O “Brabantia” estava à vista. Jorge foi depressa para a ponta do rochedo.

Na manhã indecisa, as três chaminés amarelas sobre o casco possante caminhavam entre os mastros, elevando para o alto um ténue fumo negro.

O sol não deixara ainda o seu escritório

de morros. Nenhuma outra embarcação no horizonte. Apenas a lancha, com a bandeiro-la desfraldada, deixou o ancoradouro, investiu o grosso mar em demanda do transatlântico.

O "Brabantia" caminhava em marcha lenta, possante e solene. E em Jorge repercutiu a emoção larga das viagens das descobertas de portos nas madrugadas, das visões risonhas de costas. Dura a sorte que o prendia ali, êle, feito para as travessias, para as partidas dos grandes barcos, para o assenhoreamento de continente e de mares.

A gente de bôrdô levantava-se de-certo no alvorôço do pôrto pressentido. E talvez o visse naquela pedra oceânica, inutilizadas as grandes asas travêssas.

O navio desaparecera. A lancha, sem bandeira, recolhia também, já longe, mergulhando e subindo. Sobre a sua cabeça pairava sereno um vôo de procelária.

A noite desceu com o luar amarelo e as estrelas muito claras entre os coqueiros.

Todas as lembranças de emoção marinha fixada na poesia vinham visitá-lo. Folheara a ilha como quem folheia a Tempestade de Shakespeare. A história de Elida, a Senhora do Mar de Ibsen, aparecia-lhe no encantamento envolvente das ondas. Aquelas três cabeças fulvas e selvagens de meninas levariam mais tarde para a terra o secreto compromisso de um noivado funesto com o mar. Ai! de quem amasse nas cidades empoeiradas uma filha de faroleiro. Chegaria vingadoura a hora do nauta desconhecido que reclama os seus direitos pela voz oceânica das recordações.

Os desembarques matinais dos homens encapotados da lancha faziam-no viver deliciosos minutos de infância com Julio Verne ao lado.

E mesmo Robison Crosué que lhe apparecera sempre caricatural e litográfico, com índios palermas e roupas carnavalescas, retomava direitos de humanidade. O homem só de De Foe, sem amor e sem gritos, começava a interessar o homem só que êle era, sem amor também e sem eco para os seus gritos que amorteciam a pouco e pouco nos barulhos da água.

As primeiras semanas do europeu no destêrro verde do continente achado punham-lhe estremecimentos tristes. Como devia ter sido o Brasil inicial para os abandonados que viam perder-se para sempre, nas ondas crespas, os últimos panos das últimas caravelas. Que adeus devia ter sido o deles nas noites começadas.

Essa inquietação de voltar ao foco humano, de tornar ao lar, de rever a simpatia

das civilizações possuía-o agora numa hipertensão. Era um chamado feito de pedidos la-crimais, de descontra-dos gestos, de aflições infantís pelos rochedos.

Ele queria refugiar-se na arte que por vezes o serenara como um deus. E a santifi-cação e a calma só eram possíveís na corres-pondência entusiástica das compreensões. O Brasil que lhe assombrara a infânci-a, reaparecia-lhe ali naquele símbolo da rocha entre-gue a tôdas as ventanias dos céus, a tôdas as tempestades do largo. Ele precisava voltar aos repousados silêncios dos ateliers criado-res. Um chamamento invisível empolgava-o naquele exílio. Deixaria o país brutal que lhe dera o berço hostil. Encaminhar-se-ia para a glória humana das lutas e das redenções, onde suas mãos trabalhariam a própria terra.

Jorge saiu para o luar do céu benfazejo.

As ondas cantavam na rocha solitária. Era um brinquedo de espuma sob o êxtase vertical da lua. Voltou ao perdido chalé. Vitória Agonia deixara flores silvestres em cima da mesa.

Recostou-se ao leito, pensativo.

E súbito uma vontade de chorar acordou nele. Seria lá fora o lamento inútil do mar? Um frenesi feito de desamparos torcia-lhe o corpo até as unhas, eletrizava-o.

O mar longínquo cantava para ele tudo o que morrera.

A ilha era perfeita. Uma Calipso sutil velava pelos seus dias iguais. Como o inquieto Ulisses, Jorge sentia crescer-lhe no peito a tosca esperança das jangadas.

Depois de comer na toalha rude, servido por Vitória Agonia, ele rezava ao mar que lhe mandava, pela janela carcomida, o sopro di-

reto das procelas, desde o continente africano.

— Nunca me deshabituei de ser pobre!  
Nunca me deshabituei de ser bom!

O mar incutia-lhe de novo um deísmo agitado. Pensava em castigos, em perdão.

Numa impotência de gestos, percebia o irremediável de sua situação na distância. Lá em cima, em São Paulo, espoliavam-no talvez, tiravam-lhe o que lhe restava, tripudiavam-lhe sobre a honra, o nome, a vida.

Não podia voltar enquanto os tribu<sup>m</sup>ais não decidissem de sua sorte. Tornara-se um instrumento tenso de mais. Estalaria corda a corda se o levassem à prisão. Por isso aceitara nervosamente o alvitre apressado da fuga.

Defendera a vida como quem defende uma transfiguração.

Vitória Agonia, selvática, de cabelos encordoados e a carne salgada das espumas, sorria à tristeza ao seu silêncio. Parecia compreender as amarguras que evocava. Era Al-

ma na infância semi-nua do Amazonas naufragado.

Um pássaro saudoso estridulava no calor.

Ele saía do chalé recostado à criança branca. Faziam a volta das pedras entre os coqueiros, chegavam à ponta do rochedo.

Velas adejavam na brisa forte.

O mar rendado em cinza tinha um grande claro de sol no meio.

Um benteví punha sarcasmos na floresta longínqua.

Uma grande onda de sono faquirizava o litoral sem fim, onde a calaçaria semi-nua nem sequer ousava mendigar.

Um torpor suave e bom apoderava-se dos membros inespertos de Jorge no chalé. Ele acordava com Vitória Agonia ao lado tra-

zendo-lhe uma chigarinha de café ou uma cálida rosa silvestre. O mar marulhava sempre. Ela contava-lhe histórias de pesca, tinha apanhado dois paratis barbudos, uma garopa.

O benteví insistia, longe, numa caçada feliz.

Sob a condenação daquele sol, a preguiça brasílica empilhava séculos de história vazia, entorpecidos de sexualidade, ensanguentados de feudalismo.

Uma amizade natural, uma instintiva união de defesa, estreitava mais e mais ao novo habitante da ilha os restos da família de luto.

Uma opressão nervosa do peito prendera-o três dias no quarto. E a gente do pavilhão revesava-se em visitas longas, queria mandar à terra, numa incrível travessia, o

bôte minúsculo do pôrto, afim de avisar Claro Dutra e trazer o médico.

A mudança climática provocara uma crise na sua saúde estragada. Em São Paulo, no tumulto das ruas ou no silêncio do Clarim, ele sentia a vida penosa que lhe ia por dentro. O coração tantas vezes golpeado, obedecia mal ao funcionamento regular da máquina física.

Agora, à restituição das cores e das forças pelas primeiras semanas marinhas, sucedera um abatimento pálido, uma teimosa reação maléfica.

Melhorou lentamente. Já ia à janela ver as vozes do pôrto, quando a lancha chegava.

Pássaros cortavam o calor aos gritos e a água estrondava sempre nas pedras. Pelas noites negras, como um ser benfazejo, o cão holandês da ilha ladrava vigilantemente. E havia cicios de morcegos no chalé.

Coincidiu a convalescença com a chegada de Claro sob um grande chapéu praiano. Ele mesmo conduzia a "Marina" na tarde mansa. Saíram pelas rochas numa efusão de histórias. Não recebera notícia nenhuma de São Paulo.

O mar tinha laivos lilazes por entre as lâminas verdes do pôr do sol.

Jantaram servidos por Vitória Agonia. E Claro partiu pela noite fechada do pôrto.

Isolado de novo, Jorge começou a sentir a perturbação do contacto virginal e selvático da menina da ilha.

Os olhos de Vitória Agonia às vezes engrandeciam-se numa raiva angustiada, do

139

sexo talvez, do pressentimento, da vontade. Arfava-lhe o peito trêmulo na vizinhança do hóspede. Ela tinha os lábios húmidos das se-reias. Treze anos de animal livre. Seios anunciados como mastros, pernas retêsas e alvas, os cabelos emaranhados pelo vento salivoso do largo.

O mar tornara-se frio e mau. Uma neblina, riscada a compasso, cingia a ilha. Havia roncões de navio na distância cheia de perigos. E tartarugas faziam boiar os pequenos dorsos na água do reôncavo que avenidas brancas de sol listavam nas manhãs imprecisas.

Um tiro estrugia no dia húmido. Aves gri-

tavam passando. O sol tentava inutilmente atravessar a muralha do céu.

E dias vieram e foram enrolados no mistério da bruma. Como nunca, uma sensação de desesperado abandono cegava Jorge. Tinham-no esquecido completamente, mortalmente.

Nas manhãs iguais repetiam-se as visitas iguais da lancha. Quim João fizera-se substituir por um prático moreno e ossudo. Claro não vinha, nem Carlos Bairão, nem Nora, nem Gulnare.

Uma lembrança de antigas querelas humanas subia às vezes do mar encarvoado — tudo tão longe, batalhas abandonadas, fugas nervosas, triunfos inacabados, emprêsas mortas, renúncias.

Vitória Agonia atirava-se de repente, branca para a sua animalidade acordada. Pediu-lhe um beijo e a menina colou nos seus os lábios rápidos e quentes. Como todas as virgens de todas as ilhas, ela esperava, nas noites de sarabanda lunar, a vinda de seu cavalo marinho.

Uma vontade de ficar para sempre ali apossou-se dele, uma vontade de viver, de amar a ninfa nascente numa nascente existência.

Mas no contágio das superstições que a bruma trazia do largo fojo das tempestades, crédulo e doente, temia tocar o gênio benéfico da ilha.

O vestido frouxo desabotoava-lhe alvu-

ras nas costas perfeitas, sob os cabelos crespos ao vento. Nos pulos animais, descobria redondeza de pernas acima dos joelhos divinos. O artista modelava-lhe na retina a nudez escultórea.

Numa surpresa soube pelos práticos que estava em Santos o “Reina”, o antigo paquete que o levãra à Europa. Devia partir na tarde daquele dia.

Jorge esperou deitado nas pedras até reconhecerê-lo saindo.

A sua marcha altaneira, de bandeiras ao vento, as duas chaminés posantes listadas, as barcas de salvação suspensas, tinham um pouco de seu destino, haviam feito os mesmos mares, porfiado os mesmos horizontes, procurado os mesmos portos. Parecia-se ainda com êle, belo na sua maturidade experiente.

Ali, naquele tombadilho, Jorge vira afastarem-se pela primeira vez as montanhas saudosas da pátria, conhecera os primeiros contatos estranhos, amara os primeiros amores ligeiros.

O navio, cheio de procelas, renovava travessias, impávido, grande, feliz, convidando-o a segui-lo.

Ele ergueu o braço e disse um adeus fraternal a alguém que fôsse talvez ali chorando só a emoção da primeira partida.

O navio dobrava longe na direção dos morros extremos. Fazia rumo à Europa, como quinze anos atrás, pelo mesmo roteiro, à mesma hora triste do dia.

Jorge lembrou-se que ele continha o cenário de seu primeiro romance, da sua primeira ambição sentimental.

E sorria à história extinta que entre pedras e árvores desaparecia nos mastros longínquos.

Saiu do chalé que as meninas percorriam num alvoroço de limpeza. Levava consigo os cigarros de Carlos Bairão, a rosa agreste, um livro. No pórtico, à sombra da crestada parede da casa, um barco virado estacava num convite. Em frente, a fonte perene do mar soluçava nas conchas.

Sentava-se no costado do barco humano. Sentia-lhe a rude construção de desafio, as chapas que o remendavam, os pregos que o tinham. Fôra talhado num tronco de floresta. Um velho barco tem sempre uma grande história, uma história maior que a do oceano.

Quantas vezes o tronco arrancado da mata pelo trabalho humano, já sinuoso e ágil, cavalgara o estuário ondulado na venturosa caçada do horizonte. E varejara as enseadas e os reôncavos, trazendo do mistério das águas o mistério dos peixes, do mistério das baías, o mistério visional das praias desertas.

242

E nas marés noturnas arfara às estrélas achando pequeno o mar que o continha.

O coqueiral da ilha apontava-lhe o céu vertical. O mar falava canções escutadas por Homero e pelo Dante.

Uma necessidade de realizações apertava-lhe a alma desejosa. Mas sentia a impossibilidade dos altos contágios místicos. Dentro dele o coração endurecido resistia, silenciava.

A lancha não vinha. Trar-lhe-ia talvez notícias dos seus. Quem eram os seus? Nora de-certo e Gulnare e a família com quem morava e dois ou três amigos.

Uma agitação sensibilizava-o. Se viessem notícias!

Encaminhou-se para o pòrto. Um batelão negro passava numa pulsação regulada de máquina, procurando o mar largo. Uma silhueta de navio cortava o horizonte. Trazia o férreo casco carcomido de tempestades.

Gritaram por <sup>ê</sup>ele. A lancha aproava. Uma aflição suspendeu-o. Traziam-lhe um bilhete de Claro Dutra. Carlos telefonara de São Paulo. Não havia ainda decisão alguma.

Quanto tempo seria preciso ficar ainda na ilha?

Sentia uma volúpia de castigos para que se cumprisse a purificação começada junto ao leito de morte de Mary Beatriz e tantas vezes evitada pela covardia humana de seu <sup>s</sup>er.

Uma suspeita tomou-o. Os amigos talvez lhe ocultassem uma condenação.

Vieram-lhe revoltas <sup>à</sup> lembrança do juiz que o julgava em São Paulo, o qual <sup>ê</sup>ele entrevira uma vez pomposo e idiota nas ruas da cidade.

Anoitecera com lua. Na escada do barracão as crianças brincavam de anel. O holofote possante de Itaipús varava o mar.

Jorge aquella noite custava a adormecer. Que pensava d'ele a gente simples da ilha? A sua historia por certo não começara na tarde do desembarque, quando viera trazendo a maleta do Castro. Pressentira na familia atenta iniludiveis cuidados á aproximação casual de qualquer barco. Temiam uma surpresa para elle. Supunham-no decerto um criminoso acoitado, um presidiário evadido.

Tinha ímpetos de falar, explicar a existência dolorosa que tivera.

Jorge ouviu gritos de comando no mar. Era um domingo. Uma yole esguia, dirigida por seis remos ligeiros, afrontara o largo encaminhando-se para a ilha. Uma voz grossa patronava. Jorge distinguiu os rapazes uniformizados de um clube, músculos ao sol sob chapéus de pano. Aportaram para descansar. Recolheram os remos e o grande barco envernizado.

Jorge conservou-se quieto no chalé. Não convinha que alguém soubesse de sua presença ali. Tinha no íntimo vontade de procurar o contacto estranho daqueles desconhecidos aportados ao seu refúgio. Era moço como eles, forte como eles, como eles capaz de travessias porfiadas. Mas o destino parecia tê-lo desviado dos caminhos naturais da vida e das alegrias comuns.

Ouviu um tropel na escada, bateram imperceptivelmente à porta. Era Mariinha. Tinha os olhos líquidos, esgazeados, o vultinho negro agitado de temores e numa paradisiaca língua confusa transmitiu a Jorge um recado terrível. Que não descesse, havia gente de fora na ilha.

Ele sorriu dolorosamente, beijou-lhe a mãozinha alva, tranquilizou-a, fê-la partir.

Só, entristeceu-se. Era um foragido. Todos o sabiam. E as crianças se alarmavam da possibilidade de o verem descoberto e levado.

244

Itaipús vivia na sombra. A lua amarela recolhera-se entre rolos de algodão negro.

Jorge saiu no barco junto com os dois agregados quietos da ilha. Iam verificar as rédes estendidas à tarde além do Espinhé.

Uma ardentia inquietava de incêndios o mar grosso. Os remos suspendiam prata líquida nas pás. Tainhas ligeiras riscavam fogos de Bengala nas ondas. O vento dobrava o barco.

Rodearam os rochedos. Uma linha interrompida de pontos acendia-se no fundo, dividindo as águas. Os homens queixavam-se daquele fogaréu noturno. Os peixes distinguam a armadilha e espantavam-se. Suspenderam com os remos a trama iluminada num cauteloso exame. Nos fios gotas de luz estagnavam, côr de estrela. Na noite marítima o barco dansava. Tiraram duas grandes porocacas de boca aberta e um pequenino sargo.

Na volta, Jorge veio conversando.

Seu Luiz fôra marinheiro da fortaleza. Como pescador virara duas vezes no mar. Era uma vida de riscos aquela. Tinha pavor dos tintureiros.

— Bicho malucado, seu moço! Não respeita embarcação!

O seu primeiro naufrágio fôra qu. s<sup>z</sup> a morte. Tinha vindo deixar um práctico a bordo, aí mesmo em frente à ilha e o sudoeste desgarrara-o do canal. Foi parar na Moela sôbre montanhas de água. Quem o salvara fôra o primeiro do farol que tinha seguido o desastre de binóculo. Pôs sangue pela bôca durante quinze dias.

Remavam claridades. Chegaram. Vitória Agonia segurava um lampião no ancoradouro.

Um cicio de morcegos tesourava o silêncio noturno. O mar glosava os seus eternos

245

Very

barulhos. Longe, canhoneava nas pedras, perto chapinhava no barco parado e sob o sono das árvores escorria monotonias de água vazada.

Jorge acordara na sua cama de presidio, foi perscrutar a solidão pela janela aberta na noite.

Uma semana se tinha escoado inteira sem a vinda de ninguém. Ficara até tarde sentado a um banco da casa, olhando escancaradamente, como quem espera, o clarão longínquo do céu de Santos.

Deitou-se de novo. Mas súbito ouviu silvos. A natureza clareava indecisa. Foi ver. A "Marina" arfava chegando na ante-manhã. Na coberta a silhueta vigorosa de Quim João. Saudou o marinheiro com o braço. E o homem gritou-lhe que trazia boa nova.

— O dr. Claro mandou dizer que foi tudo favorável em São Paulo.

Jorge desceu numa grata efusão de surpresa. Era livre como o outro que lhe anun-

ciava a vida, como os homens da barca e os outros da terra!

Foram tomar café no pavilhão com a família. Quim João viera esperar aquela manhã um grande navio da Mala Real Inglesa. Jorge propôz ir com êle na lancha. Numa inocência queria experimentar a capacidade de movimentos que ganhara.

Vieram para o rochedo. O sol não apparecera ainda sôbre os morros de árvores. Uma melancolia divina irizava o céu matinal. Passaram barcos de pesca no mar que deixara de ser o mar de exílio.

Ficaram conversando. O prático narra-va o encontro de gente nua, por praias abandonadas, em cabanas, pedindo a Deus a fatura dos naufrágios.

Súbito destacou-se da ponta rochosa uma prôa possante. Houve uma correria retinida de apitos. Jorge apanhou do chão o chapéu largo e seguiu aos saltos o prático. Atravessaram o pontilhão, pularam para a lancha que manobrava. Quim João tomou a direção.

246

Jorge ficára de pé, junto ao mastro onde a bandeirola flutuava. E foram aos pinotes, aos mergulhos, pelo mar encrespado. O transatlântico aproximava-se, assumiu pouco a pouco um aspecto de torre monstruosa. Jorge teve impressão de ser esmagado sob a proa negra e violenta que avançava. Quim João gritava ordens.

Do navio, apinhado de gente curiosa, pendia a escada de corda. O práctico esguelou qualquer coisa em inglês. Responderam.

A lancha bateu na nave imensa.

Num pulo ágil, o práctico apanhou a escada que passava. Ficou no ar. A lancha destacara-se parada. O ajudante manobrou. Veio vindo, enquanto já longe o navio formidável singrava para a alegria do porto, entregue a Quim João.

A liberdade era assim — o melhor dos dons, o mais suave.

Uma borboleta de ouro, dansarina livre dos matos, brincou nas pedras, nos caminhos.

Seu Luiz ia também deixar a ilha. Não podia ficar naquele silêncio onde nada o entretinha. Uma nostalgia parava-o longas horas, fitando a terra longínqua. Seu Luiz tivera mulher e tivera uma filhinha.

Não mais o artista sonharia na rocha, solitária, ao luar frouxo das estrelas. Pressentia a chegada alviçareira de Bairão ou de Claro Dutra para buscá-lo. Na manhã tépida, cheia de cantos de pássaros e de velas ao longe, foi para o reôncavo onde a água transparente batia. Jogou-se ao mar. Retesou em cabriolas os músculos das antigas faça-

247

nhas, brincou, chamou para a terra. No caminho ensombrado Vitória Agonia pôs a sua aparição silvestre, acenando.

Havia festa de luz no mar. Um transatlântico minúsculo gravava o fim das águas. Ele foi visitar todos os itinerários da chegada. Uma confiança diversa da torva tristeza inicial animava-o. Ficou vendo longamente as ondas do mar largo esbravejarem estriando o rochedo do Espinhé, molhou na praia as solas de corda das sandálias e ao sol do meio-dia estirou-se para dormir como um animal, na pedra avançada da ilha.

Jorge sabia que a trama de ouro do destino se entrelaça a trama sem luz. Claro Du-

tra não vinha buscá-lo na suposta efusão, nem Carlos, nem Nora, nem Gulnare.

Uma noite êle aprestou-se a partir na lancha de Quim João que aparecia afinal aos seus olhos aflitos na fímbria escura das ondas grossas. O mar fumava-a como um cigarro. Era ela — desaparecia, brilhava, desaparecia.

No embarcadouro a voz estrídula do marítimo disse-lhe que Carlos telefonãra de São Paulo. Só poderia vir daí a uma semana. Êle despediu-se da gente da ilha. Beijou no rosto Vitória Agonia que estacava numa surpresa. Desceu a pedra, levando a maleta de tela do Castro. Saltou.

No despegar do recôncavo, sentado à tolda junto de Quim João, esvaziou o revólver para a noite, numa salva ao refúgio.

Uma fileira de luzes alargou-se, abraçou-o. Transatlânticos iluminados saíam. Era Santos.

Já em terra, despediu-se num abraço de Quim João. Um bonde, um veículo humano estacava ali. Jorge sentou-se a um banco. O

bonde partiu. Gente desembaraçada, da cidade marítima, entrava conversando alto. A praia de residências desdobrou-se, a cidade cerrada apareceu.

Jorge sentia comovido o regresso à luminosa poeira da vida. Havia tumultos festivos nas esquinas, nos bars. Uma música de circo tocou para a sua saudade. Um carrussel cheio de luzes punha melancolia na noite, onde bonecos desengonçados se extasiavam.

Apeou no centro. Lembrou-se vagamente de ir para um hotel. Sentou-se antes a um café. Todos os homens, de todas as mesas, divertiam-se, falavam. Saiu.

E levando a malinha, jornais comprados e uma vontade humilde de chorar, nervosamente, epilepticamente, caminhou pelas ruas.

Na ante-madrugada, êle acordara no quarto estranho do hotel. Vestiu-se. Pagou em baixo. Foi para a estação pelas ruas desiluminadas.

O trem partiu às seis horas. Começara a clarear.

Jorge D'Alvelos ia num carro de segunda classe. Uma serenidade tomara-o.

Gente simples, calmos derrotados da vida, juntavam-se nos bancos de pau ao seu lado. Ele olhou a paisagem que corria. No claro azul fitas vermelhas alongavam-se além dos morros negros.

No atelier a procissão das figuras esperava-o na postura das criações.

Pôs-se a trabalhar. Em duas semanas terminou uma estátua de Gulnare. Enquanto trabalhava recordações e debates voltavam. Resolveu passar a obra para o mármore.

Vinha-lhe a memória minuciosa do tempo, os mesmos dias como aqueles, interminados, e as tragédias revivem de minuto a minuto, a cruz prego a prego. Os contactos com Gulnare eram o canto da felicidade, de novo

pressentida. As flores rubras do sexo, os seios abotoados.

Os acontecimentos da existência tinham tido sempre para êle um sentido espetaculoso.

Nas horas de angústia, êle se sentia desdobrar numa instintiva curiosidade da própria tragédia. Raras vezes soubera defender-se. Numa dadivosa entrega, fôra sempre a oferta vitimal de si mesmo.

Brincara com o mais doloroso dos destinos, e achara nele o seu infantil divertimento.

Visitou Nora. E ela contou-lhe que estava para se casar. Queria dar-lhe a despedida do amor.

Jorge conservava-se imóvel, sem crer, no

divã do grande quarto, sob as janelas cerradas, acariciado pela seda do pijama dela. Encontrara a vítima definitiva de seu torturado caminho.

— Tem fortuna?

— Não tem.

— Terás que restringir as tuas necessidades de luxo. Diminuirás a tua vida?

— Por que não? O luxo é necessário para enganar a desgraça. Só para isso.

Ficou parada, recurva, fulva, os olhos de mostarda num ponto.

— Quem é? murmurou Jorge.

— Um homem que alugou um quarto na casa aí do lado. Um homem magro, esgueirado. Nem nome tem. Mas tem um caso como eu. E' uma ruína.

Havia um piano na noite.

Que doloroso coração o seu!

Seria possível que o mundo não tivesse mudado? Seria possível que tudo existisse como antigamente, numa eternidade de coisas e de gestos? Os mendigos das estradas, o medo, os benefícios inesperados, o assassinio e a dôr como em tôdas as histórias de todos os livros?

Ou era ele que estagnava inútil, idiota, amesquinhado?

Tôda a sua revolta do início que o fizera um out-lav, fôra afinal atenuada, desviada, amortecida. Chegara ao catolicismo. Chegara ao panteísmo na ilha.

Era o morador burguês daquela chácara burguesa. Tinham-lhe imposto um caráter sentimental e tímido. Tenazmente, disfarçadamente. A pouco e pouco, lhe haviam quebrado o ímpeto dos pulsos hercúleos.

Embebedara-se do meio cretino e frouxo, a sua vida tinha sido uma imbecil domesticação, uma redução do ser revoltado, imposta por tudo e por todos.

Mas no fundo guardava ainda energias intactas. Ir-se-ia embora. Quebraria de qualquer maneira o exílio que sentia crescer agora, na maturidade. O infinito abrir-se-ia ainda à chave da vontade.

Refugiava-se avidamente no plano estético. Dava-lhe um grande sentido vocacional, pensando em sua mãe que havia olhado para o futuro com aqueles mesmos olhos seus daquela noite.

Gulnare prendia-o, mediocrizava-o. Acabaria casado e corno como toda a gente de boa sociedade. A sua concentração sentimental espedaçava-se num beijo lubrico contra o mármore da menina.

Parava assombrado ante o nu que acordava na obscuridade.

Lá dentro ia um dismantelamento. E o rosto? Como estaria o rosto naquele minuto, a máscara?

Parava ante a misteriosa angústia da obra realizada. Fizera aquilo sem pensar, jo-

gando numa brutalidade de formas o nũ adivinhado e palpitante que desejava. Agora, de súbito, aquelas carnes falavam, clamavam nas dobras, nas linhas, nas incríveis ondulações. Era o sonho sexual.

Lembrava-se da mãe, pequenina, gorda, cheia de bênçãs no Amazonas tórrido, acarinhando-lhe o despertar convulso de artista. Ela mandara-o pedir proteção uma vez ao rico Antunes. Ele saíra numa ante-manhã para ter a primeira decepção rude da vida.

A obra estava ali no vitorioso e trágico retorno, a obra pequena e gigantesca. Benedito sonho materno! Jorge estremecia na sombra palpitante.

E beijava Gulnare tóda nua.

Tomou o trem para Santos. Iria de novo à Ilha Verde agora como um visitante qualquer.

Nas estações intermediárias, foi descobrindo tôda uma vida de pequeninas existências, samburás coloridos, vasilhas de leite, cestas de frutas. Surpreendeu apostolados, a professora, o lavrador de subúrbio.

Chegou quasi noite. Decidiu não procurar Claro Dutra que perturbaria o seu silêncio.

Havia lua no céu. Foi à Ponta da Praia. Tomou a lancha de Quim João onde os ajudantes o serviram alegremente. Afastaram-se pelo mar.

O hálito das estrelas descia. A lua enervava a terra.

O artista perdia-se no tóldo, junto ao mastro.

Visões lunares começaram a espia-lo dos rochedos extáticos. Vinha-lhe agora uma vontade antagônica de refugiar-se na sensualidade que lhe prometia a frágil resistência de Vitória Agonia. Lembrava-se à aproximação da ilha das coxas elásticas e brancas enfaixa-

das nas calças estreitas de algodão que vira nos brinquedos.

Os marítimos assoviaram. Uma débil luz anunciou a velha casa. Chegaram. A cozinha encheu-se de rumores. As crianças acordaram. O fogo ardeu para o café.

Vitória Agonia falou-lhe baixinho, saudosa, feliz. Uma sentimentalidade represada estuou efusiva à lareira no enegrecido quarto.

Jorge saiu só para o luar do céu benfazejo. As ondas cantavam sob o êxtase da lua.

Voltou ao chalé. Vitória Agonia pusera flores silvestres sobre a mesa.

Ficou pensativo, recostado ao leito. E súbito uma crise nervosa acordou nele. Um frenesí feito de desamparos torcegava-lhe o corpo até as unhas, eletrizadas.

O mar longínquo cantava tudo o que morrera.

Voltou para Santos na lancha aparecida às quatro horas.

A tarde perfumou de luz os morros, esverdeou o mar, esfriou a terra. Tudo enegrecu num pontilhamento de luzes.

Ao subir a serra, sentiu a vida penosa do coração, o órgão há tanto tempo lesado. Regresou a São Paulo, ao Clarim e a Gulnare.

Ela vingara todas as outras.

Um pessimismo mortal invadiu-o. Que fôra ele sempre desde o nascimento? Tinha

253

sido aproveitado para todos os interesses alheios. Tinham-no ludibriado. Tinham-no despido a pouco e pouco das alegrias da existência.

A palavra Revolta veio de repente brotar-lhe à fonte seca da alma.

Carlos Bairão e a desconhecida tinham subido de automóvel a Sant'Ana e procurado o Clarim. O amigo devotado conduzia uma mulher magra, amarela e escultorea até o refúgio onde Jorge tentava renascer num alento desesperado. Tinha-a descoberto no barulho de uma redação de jornal.

Discutiam no atelier.

— Tudo está errado. Não só a sua arte, como a sua vida.

Carlos Bairão ria.

— Somos um setor atrasado da luta de classes.

A Mongol sentara no vasto divã. As suas maçãs osseas sorriam uma simpatia amorosa por dentes agudos e alvos.

— Grandes desviados! Que fizeram aqui vocês, enquanto nós transformamos o mundo?

Jorge sentara-se a seu lado, alegre, feliz de se penitenciar:

— Preguei um tiro no peito.

Seria ela a companheira de que precisava?

234

A que lhe tinham prometido tôdas as efusões mal compreendidas? Seria ela?

— Que figura espantosa!

De novo só, a um canto do atelier que falava no silêncio, <sup>ele</sup> se sentiu subitamente persuadido. Chamavam-na somente a Mongol.

Era uma revolucionária militante ligada ao subterrâneo humano da Terceira Internacional.

Tomara o poder com Bela-Kun na Hungria. Fôra torturada na China, atirada e ferida pela polícia burguesa nas ruas de Berlim.

Como viera até <sup>ele</sup>? Como aparecera?

A reivindicação sentimental precisou-se.

Com essa mulher integral, livre, renovar a vida, agora conciente.

Pela primeira vez alguém lhe falara que havia um mundo novo. De Arkanjel a Harbin, a sexta-parte da terra se tornara a pátria

organizada de todos os revoltados, de todos os oprimidos.

Havia um mundo que justificava os protestos de sua vida.

A Rússia vermelha tomou conta do cérebro de Jorge.

Sentiu um confuso rodar de tumultos.

Estava no atelier onde viera esperar a sua n<sup>o</sup>va amiga.

Pela primeira vez, alguém lhe quebrara as hipnoses ancestrais.

Pensava em partir com ela, em ligar-se ao seu agitado destino, em ser um artista anônimo da Revolução.

Pequena e dourada ela era uma inquietação alegre e intimativa. Fizera-o ler os revolucionários sociais e conhecer os pintores murais mexicanos.

Discutira com <sup>^</sup>ele. Camara-lhe pequeno burguês lancinante. E <sup>^</sup>ele — “o grande D’Alvelos” — identificára-se subitamente. Era de fato uma formação feudal desarrazoada e monstruosa em pleno século vinte.

Os seus casos com Alma e Mary Beatriz, a sua arte abstrusa, Nora, as suas esculturas retorcidas, o seu soturno apartamento da luta diária do mundo, o que era tudo isso senão recalques, aspirações e sofrimentos de uma sub-classe do mundo feudal capitalista que o Brasil ainda não liquidára? Mais nada!

— Que fizeram vocês aqui, enquanto transformávamos a terra?

O seu atraso <sup>^</sup>sobre os horários do mundo

precisou-se. Pensou com acanhamento em afrontar agora, nas definitivas batalhas, a confusão agitada dos renovamentos humanos que a revolução social indicava. Sentia-se pequenino, provinciano, fechado.

Ela insistia em transformá-lo.

— Não quero que fiques só um “artista”. Quero te dar a consciência de tua pobreza, do teu trabalho e das tuas lutas contra os exploradores da vida!

Essa angústia boa do amor que não sabe, do amor que espera. Ele a sentia. Parecia-lhe que amava pela primeira vez. Talvez não tivesse nunca amado assim.

Mas a sua vida rica voltava aos pedaços. Era êle. Sentia ser impossível matar imediatamente nele o indivíduo de classe. O romanticismo, a exaltação aventureira do eu seguiam.

Via de repente como ela tinha razão em não ceder ao alumbramento, em não transformar a euforia em vertigem. Acabariam num delírio burguês. E no cansaço inútil. Como era melhor dar tudo à ideologia. Sacrificar conscientemente o que seria de fato o amor. Pela revolução.

Mas a sua formação reacionária resistia.

Às vezes surpreendia-se ensimesmado, trágico, absurdo. Um sentimento de recuo vinha-lhe dizer que continuasse levando resignado e sosinho a cruz da família, pelos velhos caminhos de cardos. Apertava-lhe, porém, de súbito, o coração a lembrança dos pais pobres nas aflições da sua infância. Pensou no avô todo branco que o carregara criança. Pensou em Alma, vítima sangrenta do capitalismo. A burguesia impiedosa, pela mão

de seus justiçadores — caftens e usurários —  
estraçalhara-os sem hesitar.

A Mongol tinha razão!

Ela recusara todos os artifícios do amor  
em que êle costumava se embrenhar — men-  
sagens íntimas, torturas, sacrifícios.

Batera as pálpebras langorosas nos seus  
braços, despida e cálida, numa noite longa de  
atelier.

As horas caíam. O crepúsculo abatera  
lentamente as linhas, os relevos, os contrastes.

Do grande grupo central, os cavalos so-  
brehumanos, extáticos, se haviam desprega-  
do do sôlo e marchavam para a sombra.

Ele perturbava-se sosinho no cãos palpitante. Como? Como? Seria possível acompanhá-la?

Saiu. Fôra, numa cruciante significação coral, havia estrêlas e fanfarras.

A Mongol não viria. Seguira para as fazendas negregadas do interior. Sumira no trabalho fervoroso da agitação.

— A questão sexual é secundária, gritou-lhe partindo numa madrugada silvestre.

E a luta dentro de Jorge fizera-se doentia. Como se julgava fraco para a transformação que exigiam dele!

Deus voltara. A sua formação religiosa o assombrava ainda. O seu sentimentalismo protestava contra o desamparo frio em que ela o tinha jogado, para servir um rival mais forte. — ~~o comunismo.~~ ✕

Caminhou o dia todo sentindo um gôsto de desgraça na bôca sem beijos.

As raízes do seu sêr mergulhavam no avêssô da natureza. Amarraram-no pelos pés, como um fuzilado, para arrastá-lo.

Lá ia êle... Subiam-no agora. Êle sentia frestas de comunicação com a natureza desenfeitçada. Queria varar por elas, não podia. Subito, o homem que estava quieto e abstrato no trem ao seu lado gracejou num gesto desenvolto e patusco. E veio dar-lhe a mão, atencioso e imperativo. A mão pesada agora apalpava-o, prendia-lhe um pedaço de carnes num apêrto brusco e crescente. A própria mão crescera e ameaçava rebentá-lo.

Jorge moveu a cabeça dura nos travesseiros do atelier, ageitou-se melhor.

E, num assombro antigo, viu que tinha

consigo, viajando no mesmo banco, Mauro Glade, o casten de Alma.

O trem em que iam, devorava os trilhos lá fôra procurando a manhã.

Foram assim longamente, tristemente, lado a lado. Pressentiam-se salitários irmãos, numa mútua angústia e numa invencível hostilidade.

Jorge falou:

— Creio que nos encontramos outra vez num trem.

— E' verdade, respondeu o outro com a voz metálica. O seu rictus desenvolvera-se pelo corpo todo. Era um ser adunco, paralizado numa ironia que perdera o sentido.

— Ela morreu, fez Jorge.

Mauro Glade dobrou a velha cabeça canalha e disse que ia lhe fazer uma pergunta. Jorge sentiu uma aflicção vibrar em todo o seu ser, dismantelar num segundo o seu peito forte. O homem sussurrava:

— Quem a matou?

— O amor.

O homem adunco tirou o fêltro mole e negro. Estava encanecido. Readquiriu num minuto a feição insultuosa e gelada com que se revelára a Jorge na estação perdida da ferrovia antiga. Disse metálico e lento:

— Foi o capital!

Os outros passageiros dormiam na penumbra do vagão em marcha. Uma mulher ressonava pela bôca aberta num banco.

Jorge sentiu que pairava longe, para lá da felicidade burguesa, no país dos soviê<sup>te</sup>s.

Os amigos trouxeram-no para a casa do Castro, trágico, esgaseado, sem colarinho. Haviam-no encontrado desfalecido no divã do atelier.

Na caminhada pelo jardim, carroças passavam tocando como bombos.

Colocaram-no sentado na grande sala de frente.

Estava pálido e sorria para a irradiação do vulto de Gulnare.

Uma porta de ferro fechara-lhe o peito. Não podia mais falar. Já se haviam reunido os seus condenadores. Por que? Por que tinham vindo perturbar o enorme conclave?

Olhou melhor. Gulnare chorava num lenço agarrada a Rita. Havia uma bacia no chão. Carlos falava-lhe alto. Não! Era a mãe, pequenina, ressuscitada que o abraçava e fazia propaganda reacionária!

— Que aflição, meu filho! Que aflição!

Lá dentro ia uma dôr infinita de tudo.

E a mãe chorava perguntando-lhe — Se não houvesse Deus, filho, que nos restaria a nós, pobres sêres sem fôrça, na torrente monstruosa que vês?

Ele pesquisava o drama obscuro dela, da progenitora ignorada, esquecida, morta.

Uma efusão de lágrimas subiu, estalou-

lhe nos olhos, na garganta. Ele ajoelhou-se ao canto escuro de uma igreja escura.

Ampararam-no.

Tinham-lhe tirado a verônica com os dedos molhados, arrancando-lhe a pele aos poucos, dos olhos, do nariz, da boca.

Ele viu multidões revolucionárias, agitadas, confusas, longínquas.

E sentiu mais uma vez o degelo sagrado.

O camarada Deus num imenso macacão veio sentar-se à sua cabeceira e falou-lhe declamatoriamente:

— Porque te nobilitei, dando-te a vontade livre, te rebelaste contra mim, renovaste,

no pequeno cenário perdido de tua vida, a tragédia dos Arcanjos!

— Senhor, foi a primeira luta de classes...

— Os homens mesmos deliberam os seus infernos.

— Que é necessário fazer então?

— Sofrer.

— E depois.

— Serás conduzido entre sepulcros alados, verticais, até os primeiros degraus da eternidade conquistada!

Jorge olhou e viu a manhã destacada da terra.

Estava exausto, semi-morto. A síncope tenaz e o delírio se tinham revezado nove vezes durante a noite.

Acordara com Castro junto á cama. Rita

fôra deitar-se trágica. Passara a noite insone ao seu lado, vendo-o morrer.

Durante o dia escuro, fizeram vir um médico que o auscultou demoradamente. A crise durou cinco dias. Estava salvo. A taquicardia fôra debelada.

Rompera-se nele o abcesso da divindade.

Sentia que se despregara do seu cérebro qualquer coisa na doença. Estava chupado e sem forças. Mas deixara o seu mundo de absurdos.

Convalecia.

Esperava a Mongol.

Mantinha na sua mão a mão enluvada da moça, agradecido dela ter vindo.

Ela perguntou enterrando-lhe os olhos nos olhos:

— E agora? Queres lutar?

— Quero.

— Não uma luta interior e desgraçada, num setor imaginário. Com uma arte doentia por desabafo.

— E o amor?

— Não nego que a nossa exaltação seja boa. Dá um preço enorme a vida. Amo-te, Jorge. Mas se parássemos nisso teríamos nojo de nós mesmos.

Tivera uma cura total, ao lado dela. Saíam, viajavam, conhecendo caminhos, cidadezinhas e pequenos hotéis e deixando por onde passavam manifestos vermelhos. A crise mental fôra debelada com a crise física. Viveram dias perfeitos. E uma tarde, corajo-

sa e simples como viera, a moça agitadora partiu.

O amor não era mais para ele uma divagação de desocupado, um divertimento de classe.

Gulnare e Rita tinham desaparecido e com elas tôdas as referências artificiosas do passado.

Ele compreendia agora, no silêncio ativo do atelier, que tôda a sua vida tinha sido feita das aspirações e dos sofrimentos de uma sub-classe, num reduzido ambiente semi-colonial da América portuguesa.

Essa convicção o desenfeitava. O velho sentido bruxo e torvo da arte desaparecera. Revia nele mesmo e nas suas criações as torcidas íntimas, os desejos obscuros, os sonhos sexuais e enfim as soluções estéticas e mís-

262

ticas da pequena burguesia. Que fôra afinal a sua vida senão o reflexo erótico e religioso de uma classe média de cidade industrial, nas flutuações do post-guerra? O exílio anarcóide e a psicose deísta depois da carnificina mundial do ano 14. Acuado no plano estético, êle fôra apenas um pequeno-burguês liberado e dramatizante nas malhas angustas do país feudal.

Declamara, fizera tolices trágicas. E acabaria em Deus ou num hospital se não se tivesse superado.

Jorge D'Alvelos criticava-se. Fôra preciso uma mulher para fazê-lo mudar, descobrir exatos caminhos revolucionários. Fizera-se nele o processo mórbido de uma geração, desviada no cenário longínquo e colonial do Brasil, bestificada pelo recalque sexual que o feu-

dalismo e a igreja mantinham, ignara e romântica, doentia, tarda e tímida.

Estava preparado de certo, por toda a sua vida de revoltado, a receber a semente. Mas se a Mongol não viesse, talvez sua existência não conhecesse nunca o sentido heróico de seu tempo. Conheceria por outros caminhos?

A sua adesão ao ~~comunismo~~ <sup>marxismo</sup> não dissimulava esse lado apaixonado que ele punha em todos os seus devotamentos. Ele era assim, formara-se assim. Só assim se podia ter sinceramente agregado ao socialismo anti-romântico, calculado e construtor. Romanticamente.

A realidade da luta se encarregaria de transformá-lo.

Pretendia melhorar, procurava agora, numa descoberta emotiva e sensacional, os ambientes que desprezara na sua cretina aristocracia de artista. Lentamente se lhe revelou, face a face, o mundo dividido em duas classes — a dos exploradores que ele tantas vezes servira e a dos explorados que aqueles se en-

263

grenavam numa luta de tôdas as horas, mantida pela incerteza, pela miséria e pela revlota.

Afinal tudo lhe aparecia bem nítido.

A religião e a arte eram tóxicos para as massas proletárias, para as massas pequeno-burguesas. Ele mesmo se envenenara dando à tragédia capitalista de Alma uma repercussão falsa e torturante, que o levara a tentar o suicídio no Palácio das Indústrias. Que tinha sido Mary Beatriz senão a pequena-burguesa típica, literária e viajada?

Desfazia assim, despregava das paredes emboloradas do espirito, os velhos retratos queridos.

E experimentava um descanso enorme em compreender.

Sentia-se um homem como os outros. Pela primeira vez vira partir uma mulher que amava, sem montar teatralmente um mito cerebral. Descia de Sant'Ana tôdas as tardes. Através do antigo formador do Palácio das Indústrias, conseguira penetrar nos sindicatos operários. Auscultava assim pela primeira vez a massa ululante e confusa, agitada e desperta pelos golpes revolucionários que se sucediam no país.

Sentia-se ainda místico. Ia aos comícios como antigamente ia à missa. Mas o materialismo caminhava na salvação do seu ser humano. Suas pretensões eram mínimas. Sabia que os pequeno-burgueses, orientados para o marxismo como êle, por um acidente, só po-

3  
264

deriam seguir a reboque do proletariado como antes tinham vivido nas águas do capitalismo.

x Faltava-lhe isto — a perseguição política! x |

Preso como ~~comunista~~ na praça pública emocional de um primeiro de Maio no Braz, fôra solto depois de passar duas noites agitadas e insones com dez camaradas num cárcere sórdido.

Os amigos tinham ~~intervindo~~. Mas a repressão continuava. A Ordem Social que permitia a subversão ativa feita pelos grupos burgueses, aguçada na luta dos interesses imperialistas, que permitia as organizações conspirativas regionais e a existência daninha dos grupos anarcóides, era um castelo montado contra o espectro de Marx e de Engels.

Um tira<sup>a</sup> sinistro, avinhado, com uma bengala grossa na mão, procurara-o numa reunião dos Operários Gráficos.

Avisado, <sup>ê</sup>ele conseguira escapar pela escada, logo depois do homem sair. Queriam atirá-lo como agitador no presídio marítimo de uma ilha ou no exílio hostil de qualquer porto sul-americano.

Na noite rumorosa e comum de São Paulo, com rádios, alto-falantes, ajuntamentos e sorvetes, <sup>ê</sup>ele caminhava perseguido. Esperava a toda hora ser interpelado, preso.

Parecia-lhe que todos sabiam a sua história.

Tomou na Praça João Mendes um bonde amarelo que descia para Santo Amaro.

O bonde sobre sapatos de aço atravessou bairros adormecidos.

Havia chegado á vila, sem incidente. Seriam onze horas. Bilhares e bars abriam ainda portas mortas para o largo provinciano da Igreja. Automóveis alinhavam-se a um canto.

Jorge aproximou-se instintivamente.

Um "chauffeur" baixotinho, quasi preto sob o casquete de couro e a capa, aproximou-se também.

— Boa noite! Quer ir á Represa?

— Não. Quero fugir.

Aquela confissão, brotada do sub-consciente do artista, não espantou o homem.

— Estou ás suas ordens.

— E para onde você me leva?

— Para a minha casa. E' uma chácara.

— Mas você não me conhece...

— Que é que tem? Eu trabalho <sup>t</sup>ôda a noite. O senhor pode dormir na minha cama.

*estou perseguido como*  
 — Eu ~~sou comunista...~~ *comunista...*

— Não faz mal.

O carro gasto, de molas guinchantes, a capota rasgada, onde o vento da noite barulhava, rodou por uma estrada acesa e deserta. Depois tudo escureceu. Passaram aglomerações de casas silentes.

Jorge recusara a oferta generosa.

O homem mal sabia o que <sup>ê</sup>le era, porque fugia.

Tinha combinado então levá-lo na dire-

ção da Serra do Mar. Estariam em Santos pela madrugada. Lá tomaria rumo.

Arbustos gigantescos ganhavam em escada as alturas. Caminhos estreitos ladeavam, perdiam-se entre porteiras. O cheiro da mata excitava. Às vezes um carro ofuscava a noite, passava na direção contrária.

Jorge ia dominado por uma emoção oposta ao ciclo que formara sua vida anterior. Voltara a efusão da infância, aos primeiros passos diretos, entusiásticos e líricos, numa eclosão final da sua consciência de lutador.

Quebrará-se o exílio que fazia dele um apartado da vida, um escravo dos mitos corrosivos do amor, de Deus e da arte.

Só, ao lado daquele homem pequenino, que fumava no volante, a caminho de misérras casas proletárias, onde ele seria abraçado, sem se indagar quem tinha sido, Jorge sentia, através do trabalhador, uma ligação secreta com a humanidade tumultuosa que construiria o futuro.

Longos anos atrás descera aquela serra

ao lado de Alma, individualista, ciumento, odioso, numa roda de meninos bonitos e inuteis.

Depois fugira sem compreender como devia lutar contra o capitalismo que o perseguia, sem saber que a vida era um choque de classes.

Era outro homem o que procurava agora comunidades ilegais, preso para sempre às cordas humanas da revolução social.

Descia na madrugada cheirosa. Um horizonte prático exaltava-o. A questão sexual, como predissera a Mongol, passara para um plano inferior, sem orgias de sentimentos, sem fantasmas e sem saudade.

Ele era apenas um trabalhador. E bastava isso para desencantar as suas antigas solidões.

Lembrou-se, com os seus olhos novos, da gente pobre da Ilha Verde. Quim João, Vitória Agonia.

As suas mais caras saudades, as suas roupas e malas, os seus retratos e os seus livros, deixára-os no Clarim. Talvez definitivamente. Talvez nunca mais pudesse buscá-los. No romantismo da sua primeira evasão política, supunha-se Ahasverus.

Não tinha mais nada senão a roupa do corpo e as mãos para trabalhar.

Era um fugitivo.

Mas onde houvesse uma consciência revoltada, na luta contra a exploração do homem, abrir-se-lhe-ia sempre uma casa, uma célula da transformação do mundo.

Irmãs, irmãos, a família afinal, a família humana, ~~feita do mesmo esperma~~, jorrada nos mesmos anseios, ~~ele~~ a encontraria, longe das trágicas convenções e das diferenças infames mantidas pela burguesia. X

Podéria, assim, varar fronteiras, percorrer países de outra língua, passar continentes, cidades, granjas, matas, e caminhos. Nunca seria um estrangeiro entre os oprimidos, en-

quanto houvesse dentes cerrados, sob o chicote do capital.

Um encarvoado sací o conduzia. Para onde?

A voz do homem falou no escuro.

— Tudo são ~~comunista~~. Tem de toda raça. Alemão, Lituano, Preto, Argentino, Indio.

— Onde?

O "chauffeur" fez com os ombros um gesto imenso.

— No mundo do sofrimento.

sente que nem o senhor

Os condenados da sociedade burguesa teriam a seu lado mais um lutador.

8  
 Este livro foi escrito de 1917 a 1921 e publicado em três volumes, espaçadamente, sob o título "A Tribuna do Exílio". Reedita-se hoje na sua forma literária primitiva.

Do Condensados

22<sup>c</sup>  
8 out

ÍNDICE

I	
ALMA.....	7
II	
A ESTRÊLA DE ABSINTO.....	102
III	
A ESCADA.....	209

INDEX

2

1818

1819

1820

1821

INDICE

ALMA

ESCUELA DE ARQUITECTURA

LA ESCALADA

23979





